A LIAHONA

MAIO DE 1988

"A VÓS, MEUS CONSERVOS,...
EU CONFIRO O SACERDÓCIO DE AARÃO." (D&C 13:1.)

A LIAHONA

Maio de 1988 Volume 41 nº 5
PBMA8805PO - São Paulo - Brasil

Publicação oficial em português de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, apresentando matérias das revistas ENSIGN, NEW ERA e FRIEND.

A Primeira Presidência:
Ezra Taft Benson, Gordon B. Hinckley, Thomas S. Monson

Quorum dos Doze:
Marion G. Romney, Howard W. Hunter, Boyd K. Packer, Marvin J. Ashton, L. Tom Perry, David B. Haight, James E. Faust, Neal A. Maxwell, Russell M. Nelson, Dallin H. Oaks, M. Russell Ballard, Joseph B. Wirthlin

Consultores: Hugh W. Pinnock, Gene R. Cook, William R. Bradford, Keith W. Wilcox

Editor: Hugh W. Pinnock

Diretor das Revistas da Igreja: Ronald L. Knighton

International Magazines:
Editor Gerente: Larry A. Hiller

Editor Associado: David Mitchell

Editor Assistente: Ann Laemmlen

Seção Infantil: Diane Brinkman

Layout e Desenhos: N. Kay Stevenson, Sharri Cook

Produção: Reginald J. Christensen, Sydney N. McDonald

Gerente de Marketing: Thomas L. Peterson

A Liahona:
Diretor Responsável: José Maria Arias

Editor: Paulo Dias Machado

Tradução e Notícias Locais: Flavia G. Erbolato

Produção Gráfica: Dario Mingorance

Assinaturas: Carlos Tadeu de Campos

Capa: "A vós, meus conservos, ... eu confiro o Sacerdócio de Aarão."(D&C 13:1.) No mês de maio, há 158 anos, o Sacerdócio Aarônico foi restaurado a Joseph Smith e Oliver Cowdery por João Batista, às margens do Rio Susquehanna, perto de Harmony, Pensilvânia.

REGISTRO: Está assentado no cadastro da DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS, do D.P.F., sob nº 1151-P209/73 de acordo com as normas em vigor.
SUBSCRIÇÕES: Toda a correspondência sobre assinaturas deverá ser endereçada ao **Departamento de Assinaturas, Caixa Postal 26023, São Paulo, SP**. Preço da assinatura anual para o Brasil: **Cz$ 530,00**; para Portugal — Centro de Distribuição Portugal Lisboa, Avenida Almirante Gago Coutinho 93 — 1700 Lisboa. Assinatura Anual Esc. 500; para o exterior, simples: US$ 5,00; aérea, US$ 10,00. Preço de exemplar em nossa agência: **Cz$ 50,00**.
As mudanças de endereço devem ser comunicadas indicando-se o antigo e o novo endereço.
A LIAHONA — © 1977 pela Corporação do Presidente de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Todos os direitos reservados. Edição Brasileira do "International Magazine" de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, acha-se registrada sob o número 93 do Livro B, nº 1, de Matrículas e Oficinas Impressoras de Jornais e Periódicos, conforme o Decreto nº 4857, de 9-11-1930. A Liahona, revista internacional de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias é publicada mensalmente em chinês, holandês, dinamarquês, inglês, finlandês, francês, alemão, italiano, japonês, coreano, norueguês, português, samoano, espanhol, sueco e tonganês; bimensalmente em indonésio, taitiano e tailandês; e trimestralmente em islandês. Composição: HOMART Fotocomposição e Artes Gráficas Ltda. - Rua Rocha, 288 - Fone: 289-7279 - Fotolitos e Impressão: Editora Gráfica M.N.J. Ltda. - Rua Capistrano de Abreu, 210 - Fone: 418-4071 - Jordanópolis - S.B.C. - SP. Devido à orientação seguida por esta revista, reservamo-nos o direito de publicar somente os artigos solicitados pela redação. Não obstante, serão bem-vindas as colaborações para apreciação da redação e da equipe internacional do "International Magazine". Colaborações espontâneas e matérias dos correspondentes estarão sujeitas a adaptações editoriais.
Redação e Administração: Av. Prof. Francisco Morato, 2.430 - Telefone (011) 814-2277.

Published monthly by the Corporation of the President of The Church of Jesus Christ of Latter-day Saints. Application to mail at second class postage rates is pending at Salt Lake City, Utah. Subscription price $9.00 a year. $1.00 per single copy. Thirty days' notice required for change of address. When ordering a change, include address label from a recent issue; changes cannot be made unless both the old address and the new are included. Send subscriptions and queries to Church Magazines, 50 East North Temple Stree, Salt Lake City, Utah 84150, United States of America. Subscription information telephone number 801-531-2947.

POSTMASTER: Send form 3579 to *A Liahona* at 50 East North Temple Street, Salt Lake City, Utah 84150, United States of America.

ÍNDICE

2 MENSAGEM DA PRIMEIRA PRESIDÊNCIA:
O LIVRO DE MÓRMON É A PALAVRA DE DEUS Presidente Ezra Taft Benson

8 O QUE O LIVRO DE MÓRMON SIGNIFICA PARA MIM:
ALIMENTO PARA O DIA-A-DIA Dwan J. Young

10 DE QUEENSTOWN A CIMEZILE E. E. Fourie

13 PERGUNTAS E RESPOSTAS:
PERGUNTAS SOBRE A IGREJA Sasha William Kwapinski
DOAÇÃO DE ÓRGÃOS PARA TRANSPLANTE Cecil O. Samuelson Jr.

16 RICARDO PEREZ: EDIFICA, EM QUETZALTENANGO, GUATEMALA, UM LEGADO DO EVANGELHO DE TRÊS GERAÇÕES Don L. Searle

20 DAVI Maria Ramos

22 A EXPERIÊNCIA MÓRMON: UM ESPÍRITO DE PAZ PENETROU EM MINHA CLASSE Nadine Doyle; ENCONTRAR ALEGRIA NO PLANO DO SALVADOR Wilma Gardner; AQUELAS LONGAS HORAS SÃO RECOMPENSADAS Sharon DeMordaunt

25 LIMPAR O VASO INTERIOR:
O PROCESSO DE ARREPENDIMENTO Larry Tippets

28 UMA RESPOSTA À ORAÇÃO Artel Ricks

29 MANUAL PARA FAMÍLIAS: BUSCAR CONHECIMENTO PELO ESTUDO E PELA FÉ

32 PAI, ONDE ESTÁS? Jerry Pruyne e Hermine B. Horman

35 JOSEPH SMITH FALA SOBRE A RESSURREIÇÃO

36 MENSAGEM DAS PROFESSORAS VISITANTES:
"A CARIDADE NÃO TRATA COM LEVIANDADE, NÃO SE ENSOBERBECE"

ESPECIALMENTE PARA OS JOVENS

37 O FIM DE MINHA BUSCA Carole Sayers Fullwood

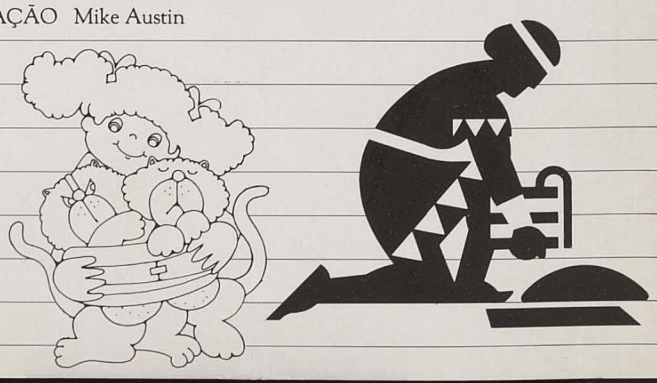
39 MOMENTOS Laird Roberts

40 "PREPARAR UM CAMINHO" Carolyn Schneider

42 O QUE ESTOU FAZENDO DE ERRADO? Carl Houghton

44 FELICIDADE VEZES DOIS Melvin Leavitt

48 DE TODO TEU CORAÇÃO Mike Austin



SEÇÃO INFANTIL

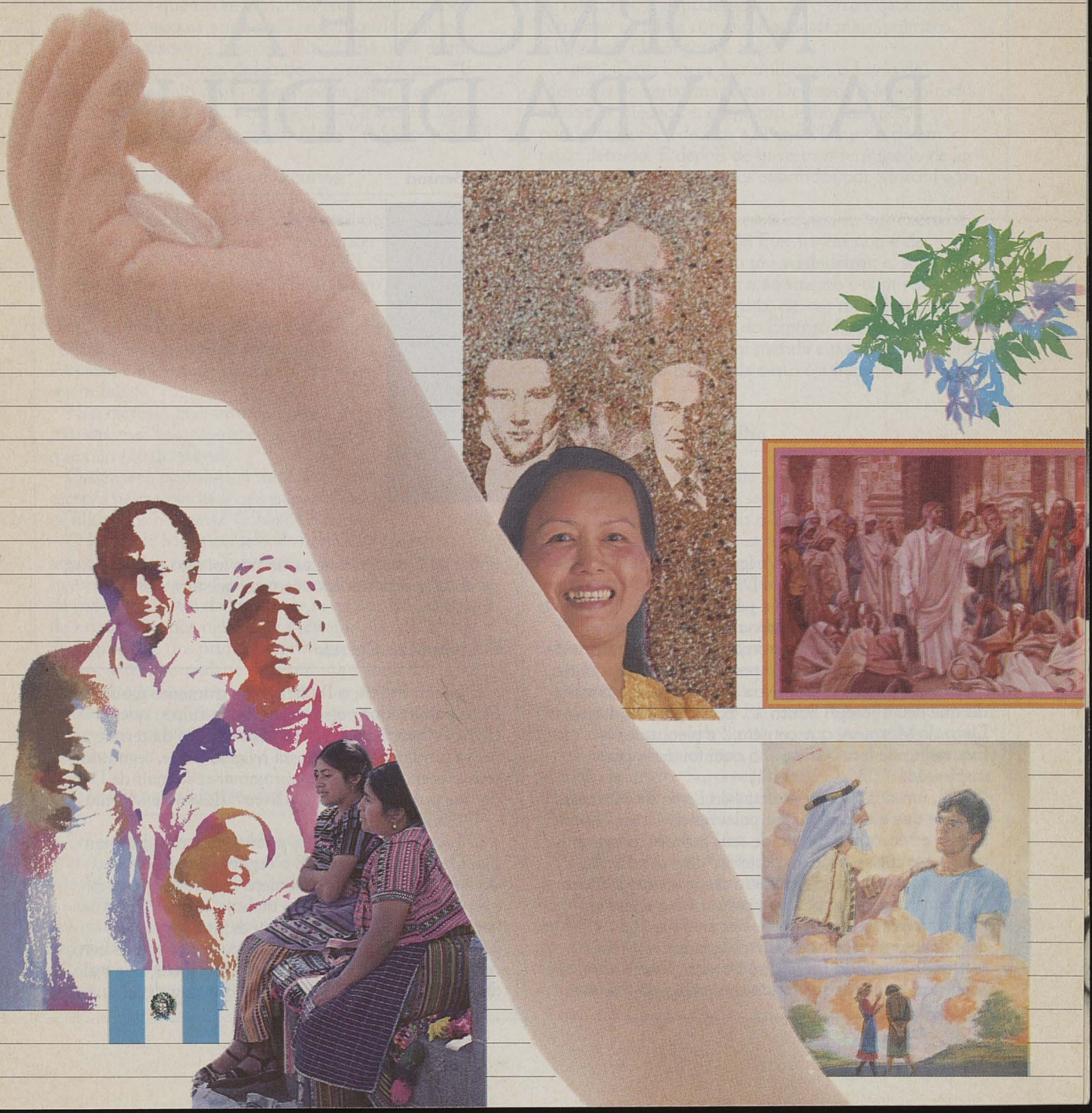
2 A CONVERSÃO DE ALMA, O FILHO Histórias das Escrituras

4 QUEM SÃO ESSAS PESSOAS DO LIVRO DE MÓRMON? Janet Peterson

5 ATIVIDADE SOBRE O LIVRO DE MÓRMON

6 JUANITO ENCONTRA UM CAMINHO Carol S. Lemon

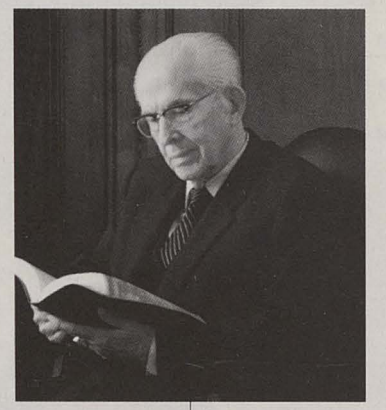
8 PÁGINA PARA COLORIR



MENSAGEM DA PRIMEIRA PRESIDÊNCIA

O LIVRO DE MÓRMON É A PALAVRA DE DEUS

Presidente Ezra Taft Benson



Como membros de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, "cremos... ser o Livro de Mórmon a palavra de Deus" (8ª Regra de Fé). Assim o declarou Deus, seus autores, suas testemunhas e também todos os que o leram, e de Deus receberam a revelação pessoal de sua veracidade.

Na seção vinte, de Doutrina e Convênios, o Senhor diz que deu a Joseph Smith "... poder para traduzir... o Livro de Mórmon, que contém... a plenitude do Evangelho de Jesus Cristo... o qual foi dado por inspiração..." (D&C 20:8-10.)

Néfi, um dos autores-profetas do Livro de Mórmon, testifica que este contém "as palavras de Cristo" (2 Néfi 33:10); e Morôni, o último de seus autores, testemunha que "estas coisas... são verdadeiras". (Morôni 7:35.)

Esse mesmo Morôni, enviado da presença de Deus como mensageiro angélico, mostrou esses registros antigos a três testemunhas de nossos dias. Seu depoimento a respeito dos mencionados registros consta no início do Livro de Mórmon. Dizem eles: "Sabemos também que foram traduzidas pelo dom e poder de Deus, porque assim nos foi dito pela sua voz; sabemos, portanto, com certeza, que esta obra é verdadeira."

O Livro Mais Correto

E Joseph Smith, o Profeta, o instrumento usado por Deus para traduzir esses registros, testificou que "o Livro de Mórmon é o livro mais correto da terra e a pedra fundamental de nossa religião e que, seguindo seus preceitos, o homem aproximar-se-ia mais de Deus do que por qualquer outro livro". (Livro de Mórmon — Introdução.)

O Livro de Mórmon foi escrito para nós, hoje em dia. Deus é o seu autor. É o registro de um povo decaído, compilado por homens inspirados, para o nosso benefício nos tempos de hoje. Aquele povo jamais dispôs do livro — ele foi escrito para nós. Mórmon, o antigo profeta que deu seu nome ao livro, resumiu registros de séculos e séculos. Deus, que tudo discerne, instruiu-o a respeito do que devia incluir em

seu resumo e que necessitaríamos em nossos tempos. Mórmon passou os anais para seu filho Morôni, o último registrador; e Morôni, falando há mais de mil e quinhentos anos, mas dirigindo-se a nós, declara: "E eis que eu vos falo como se estivésseis presentes e, entretanto, não estais. Mas por Jesus Cristo me fostes mostrados e conheço as vossas obras." (Mórmon 8:35.)

Para Convencer Judeus e Gentios

O propósito do Livro de Mórmon é declarado na página de rosto. Destina-se a "convencer ao judeu e ao gentio que JESUS é o CRISTO, o DEUS ETERNO".

Néfi, o primeiro autor-profeta do Livro de Mórmon, afirma:

"Porque tudo o que desejo é que eu consiga persuadir os homens a virem ter com o Deus de Abraão, e o Deus de Isaque e o Deus de Jacó, para que sejam salvos.

Não escrevo, portanto, as coisas que agradam ao mundo, mas as coisas que agradam ao Senhor e aos que não são do mundo.

Ordenarei, portanto, à minha semente que não escreva nestas placas o que não seja de real valor para os filhos dos homens." (1 Néfi 6:4-6.)

O Livro de Mórmon leva os homens a Cristo através de dois meios fundamentais. Primeiro, fala de maneira clara sobre Cristo e seu evangelho. Testifica de sua divindade e da importância de um Redentor e de nós confiarmos nele. Presta testemunho da Queda e da Expiação e dos primeiros princípios do evangelho, inclusive da necessidade de termos um coração quebrantado e um espírito contrito, e de um renascimento espiritual. Proclama que temos que perseverar na justiça até o fim e levar a vida moral de um santo.

Confunde as Falsas Doutrinas

Segundo, o Livro de Mórmon desmascara os inimigos de Cristo. Confunde as falsas doutrinas e apazigua contendas. (Vide 2 Néfi 3:12.) Fortalece os humildes seguidores de Cristo contra os funestos desígnios, estratégias e doutrinas do demônio na época atual. O tipo de apóstatas descrito no Livro de Mórmon é semelhante aos que temos hoje. Deus, em sua infinita presciência, moldou o Livro de Mórmon de tal forma, que pudéssemos ver o erro e saber como combater os falsos conceitos educacionais, políticos, religiosos e filosóficos de hoje.

Agora, Deus espera que utilizemos o Livro de Mórmon de várias maneiras. Devemos lê-lo com todo cuidado e piedade e, enquanto assim fizermos, ponderar se ele é de fato a obra de Deus ou de um rapaz iletrado. E depois de havermos terminado de ler as coisas desse livro, somos exortados por Morôni a pô-las à prova:

"E, quando receberdes estas coisas, eu vos exorto a perguntardes a Deus, o Pai Eterno, em nome de Cristo, se estas coisas não são verdadeiras; e, se perguntardes com um coração sincero e com real intenção, tendo fé em Cristo, ele vos manifestará sua verdade disso pelo poder do Espírito Santo." (Morôni 10:4.) Eu fiz o que Morôni manda e posso testificar-vos de que esse livro é de Deus e isto é a mais pura verdade.

A Plenitude do Evangelho

Devemos usar o Livro de Mórmon como base de nossos ensinamentos. Na seção quarenta e dois de Doutrina e Convênios, diz o Senhor: "E novamente, os élderes, sacerdotes e mestres desta Igreja deverão ensinar os princípios do meu evangelho que estão ...no Livro de Mórmon... (nos) quais se acha a plenitude do evangelho." (Versículo 12.)

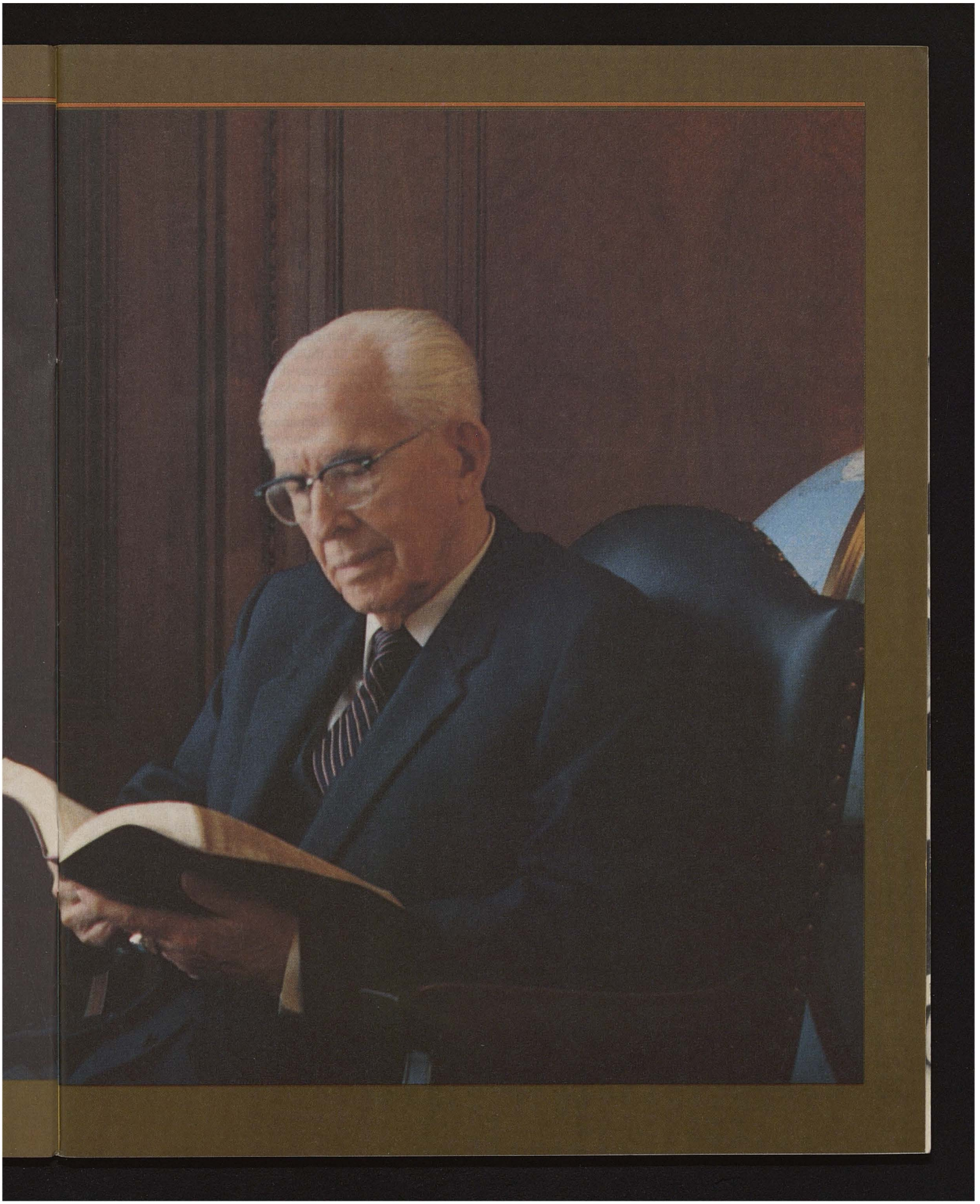
Ao lermos e ensinarmos, devemos aplicar as escrituras do Livro de Mórmon às nossas condições, "para nossa utilidade e instrução". (1 Néfi 19:23.)

Devemos usar o Livro de Mórmon para rebater objeções à Igreja. Deus, o Pai, e seu Filho, Jesus Cristo, mostraram-se a Joseph Smith numa visão maravilhosa. Após esse glorioso evento, Joseph Smith falou sobre ele com um ministro. Surpreendeu-se ao ouvir o ministro afirmar que não havia tal coisa como visão ou revelação em nossos dias, que tudo isso havia cessado. (Vide Joseph Smith 2:21.)

Tal observação simboliza praticamente todas as objeções já assacadas contra a Igreja por não-membros e membros dissidentes igualmente. Isto é, eles não crêem que Deus revela sua vontade à Igreja hoje, através de profetas seus. Todas as objeções, sejam elas quanto ao aborto, casamento plural, culto sabatista etc, giram basicamente em torno do fato de se Joseph

Joseph Smith, o Profeta, testificou que "o Livro de Mórmon é o livro mais correto da terra, e a pedra angular de nossa religião e, seguindo seus preceitos, o homem aproximar-se-ia mais de Deus do que por qualquer outro livro".

Busath Photography



Smith e seus sucessores foram e são profetas de Deus que recebem revelação divina. Eis, então, a maneira de enfrentar a maioria das objeções por meio do Livro de Mórmon.

Primeiro, entender a objeção.

Segundo, responder por meio da revelação.

Terceiro, mostrar como a correção da resposta depende realmente do fato de se dispomos ou não de revelação moderna através de profetas modernos.

Quarto, explicar que a questão de termos ou não profetas e revelações modernas, realmente depende da veracidade do Livro de Mórmon.

Portanto, o único problema que o objetor tem que resolver por si mesmo é quanto à autenticidade do Livro de Mórmon. Pois, se este é verdadeiro, então Jesus é o Cristo, e Joseph Smith seu profeta, A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias é verdadeira e guiada hoje por um profeta que recebe revelações.

Nossa Tarefa Primordial

Nossa tarefa primordial é proclamar o evangelho e fazê-lo eficazmente. Não somos obrigados a responder a toda e qualquer objeção. Chega o momento em que todo homem se vê acuado contra a parede da fé e ali terá de decidir-se. "E julgai se elas não são as palavras de Cristo", disse Néfi, "porque no último dia Cristo vos mostrará, com poder e grande glória, que são suas palavras, e vós e eu estaremos face a face ante o seu tribunal e sabereis que ele me mandou escrever estas palavras". (2 Néfi 33:11.) Todo homem tem que julgar por si mesmo, sabendo que será responsabilizado por Deus.

O Livro de Mórmon deve ser usado "como padrão para o meu povo, que é da casa de Israel", diz o Senhor, e suas palavras silvarão até as extremidades da terra. (2 Néfi 29:2.) Nós, membros da Igreja, e particularmente os missionários, temos que ser os "silvadores", ou seja, os proclamadores e testificadores do Livro de Mórmon até os confins da terra.

O Livro de Mórmon é o grande padrão para nosso uso. Ele mostra que Joseph Smith foi um profeta. Contém as palavras de Cristo, e sua grande missão é trazer os homens a Cristo — todo o resto é secundário. A pergunta de ouro do Livro de Mórmon é: "Queres aprender mais sobre Cristo?" O Livro de Mórmon é o grande instrumento para o contato de ouro. Ele não contém "as coisas que agradam ao mundo" (1 Néfi 6:5) e, por isso, os mundanos não se interessam por ele. Ele é a grande peneira.

Procurar Diligentemente Conhecer

Toda pessoa que buscou diligentemente conhecer as doutrinas e ensinamentos do Livro de Mórmon e tem-no usado conscienciosamente no trabalho missionário, sabe intimamente que ele é o instrumento dado por Deus aos missionários para convencer judeus, gentios e lamanitas da veracidade da nossa mensagem.

Pois bem, nós não temos usado o Livro de Mórmon como deveríamos. Nosso lar não será tão forte quanto deve, até que o empreguemos para levar nossos filhos a Cristo. Nossa família poderá ser corrompida pelas tendências e ensinamentos profanos, a menos que saibamos usar esse livro para desmascarar e combater falsidades. Nossos missionários não serão tão eficientes como poderiam ser, a menos que estejam "silvando" com ele. Os conversos sociais, éticos, culturais ou educacionais não sobreviverão ao calor do dia, a menos que suas raízes alcancem a profundeza da plenitude do evangelho contida no Livro de Mórmon. Em nossas classes de religião, não reinará tanto espírito quanto deveria, se não o tivermos por paradigma. A situação do mundo continuará a degenerar, a menos que leiamos e sigamos as palavras de Deus e cessemos de promover e favorecer as combinações secretas que, conforme nos conta o Livro de Mórmon, provocaram a ruína de civilizações antigas.

Lembrar-se do Novo Convênio

Na seção oitenta e quatro de Doutrina e Convênios, alguns dos primeiros missionários foram reprovados, quando voltaram para casa, pelo fato de terem tratado o Livro de Mórmon levianamente, fazendo com que suas mentes fossem obscurecidas. O Senhor disse que tal tratamento do Livro de Mórmon colocou toda a Igreja sob condenação, mesmo todos os filhos de Sião. E depois, disse o Senhor: "E eles permanecerão sob essa condenação até que se arrependam e se lembrem do novo convênio, mesmo o Livro de Mórmon." (Vide versículos 54-57.) Estaremos ainda sob essa condenação?

A leitura do Livro de Mórmon é um dos maiores

instrumentos persuasórios para que alguém saia em missão. Precisamos de mais missionários. Porém, precisamos igualmente de missionários melhor preparados, originários de alas, ramos e lares nos quais se conhece e ama o Livro de Mórmon. Estamos às portas de um grande desafio e um dia de preparação para missionários que busquem e ensinem com o Livro de Mórmon. Precisamos de missionários à altura da nossa mensagem.

E haverá importantes conseqüências quanto à nossa reação ao Livro de Mórmon:

"E os que o receberem em fé", diz o Senhor, "e agirem em justiça, receberão a coroa da vida eterna;

Mas os que endurecerem seus corações na incredulidade e o rejeitarem, isso se reverterá em sua própria condenação —

Pois o Senhor Deus o disse." (D&C 20:14-16.)

O Livro de Mórmon é verdadeiro? É.

Ele é para quem? Para nós.

Qual o seu propósito? Levar homens a Cristo.

Como consegue isto? Prestando testemunho de Cristo e revelando seus inimigos.

Como devemos usá-lo? Temos que obter um testemunho dele, ensinar por ele, sustentá-lo como padrão e "silvá-lo".

Será que o estamos fazendo? Não como deveríamos, não como precisamos.

Haverá conseqüências eternas ligadas à nossa reação a ele? Sim, tanto para nossa bênção como para nossa condenação.

Uma Busca Contínua

Todo santo dos últimos dias deve estudá-lo continuamente, durante a vida inteira. Do contrário, estará arriscando sua alma e negligenciando o que pode proporcionar unidade espiritual e intelectual à sua vida. Existe diferença entre o converso fundamentado na rocha de Cristo através do Livro de Mórmon e que se apega à barra de ferro, e outro que não o faz.

Há mais de um quarto de século, ouvi estas palavras no tabernáculo, proferidas pelo Élder Marion G. Romney:

"Poucos anos atrás, quando comecei a praticar Direito, alguns familiares meus ficaram um pouco descontentes. Temiam que eu perdesse minha fé. Eu queria seguir essa profissão, porém desejava ainda mais conservar meu testemunho, e assim me decidi por um hábito que recomendo a todos. Todas as manhãs, antes de iniciar o trabalho, dedicava trinta minutos à leitura do Livro de Mórmon... e nesses poucos minutos diários, consegui ler o Livro de Mórmon de capa a capa uma vez por ano, durante nove anos seguidos. Sei que ele me conservou sintonizado, na medida em que me mantive em harmonia com o Espírito do Senhor...

Não conheço outra coisa melhor para manter-nos achegados ao Espírito do Senhor." (Conference Report, abril de 1949, p. 36.)

Faço eco ao conselho do Presidente Romney.

O que, então, dizer do Livro de Mórmon? Eu vos testifico que ele é verdadeiro. Sei disso tanto quanto sei que estou vivo. Concordamos com o Profeta Joseph Smith, quando afirma: "Disse aos irmãos que o Livro de Mórmon é o livro mais correto da terra e a pedra fundamental de nossa religião e que, seguindo seus preceitos, o homem aproximar-se-ia mais de Deus do que por qualquer outro livro."

Que possamos conhecer e usar a pedra angular, e, como povo, chegar mais perto de Deus. □

IDÉIAS PARA OS MESTRES FAMILIARES

Alguns Pontos que Merecem Ênfase. Talvez queira ressaltá-los em sua mensagem de mestre familiar:

1. O Presidente Benson esclarece que o Livro de Mórmon foi escrito para ser usado por nós em nossa época. Seu propósito é convencer "ao judeu e ao gentio que Jesus é o Cristo, o Deus eterno".

2. Diz o Presidente Benson que, estudando o Livro de Mórmon fervorosamente, e seguindo fielmente seus ensinamentos, os humildes seguidores de Cristo podem fortalecer-se contra os planos malignos do demônio.

3. Todo santo dos últimos dias deve fazer do estudo do Livro de Mórmon um projeto para toda a vida. Se não o fizermos, adverte o Presidente Benson, estaremos colocando nossa alma em perigo.

Auxílios para o Debate

1. Qual o principal propósito do Livro de Mórmon?

2. Precisamos confiar nos testemunhos dos profetas de que o Livro de Mórmon é a palavra de Deus, ou podemos adquirir nós mesmos essa certeza?

3. Quais são algumas bênçãos resultantes do estudo fervoroso do Livro de Mórmon?

4. Poderia compartilhar seu testemunho do Livro de Mórmon e a importância dele em sua vida?

Lori Anderson

ALIMENTO PARA O DIA-A-DIA

Dwan J. Young

Lori Anderson

Obtive meu testemunho do Livro de Mórmon, quando era aluna do seminário, durante o curso secundário. Nosso professor desafiou-nos a ler o livro inteiro — algo que nunca havia feito. Lembro-me de que lágrimas me corriam pelo rosto, quando o Espírito me testificava que as palavras que estava lendo eram verdadeiras. Eu queria ser digna, para que o Senhor pudesse dizer-me como o fez a Néfi: "Bendito és tu, Néfi, por causa de tua fé e por me haveres procurado diligentemente." (1 Néfi 2:19.)

Três anos mais tarde, recebi minha bênção patriarcal, que me aconselhou a ler o Livro de Mórmon com coração fervoroso, para que meu testemunho se fortalecesse. Essa promessa vem sendo cumprida, ano após ano, ao continuar a estudar esse santo livro de escrituras.

Por causa dos ensinamentos do Livro de Mórmon, ampliou-se meu testemunho a respeito da necessidade da oração e das bênçãos que ela traz. Durante a adolescência, segui literalmente a admoestação de Alma 34:17-27 e orava antes de cada prova, de cada recital de piano, de cada discurso que precisava fazer. Orei por perdão e entendimento. Tinha fé em que nosso Pai Celestial estava sempre ali, e ele me dava paz e conforto, continuamente.

Quando nosso filho mais novo, Jeff, era pequenino, precisei clamar em poderosa oração, como fez Enos (Enos 1:4), mas por uma razão diferente. Jeff havia engolido um produto químico perigoso e não conseguia respirar. Com ele em meus braços, corri desesperada de carro para o hospital mais próximo, suplicando em alta voz ao Senhor que o ajudasse a respirar. Após o que me pareceu uma eternidade, ele voltou a respirar, não obstante a coloração azulada de seu corpo, por falta de oxigênio. Minhas orações foram atendidas e chorei de gratidão.

Os cinco anos seguintes foram os mais difíceis de minha vida. Desejávamos ter mais filhos, mas não recebemos essa bênção. Lendo Jacó 4:10, recebi conforto de suas palavras: "Não tenteis dar conselhos ao Senhor, mas, sim, recebei conselhos de sua mão. Pois que vós mesmos sabeis que ele aconselha com sabedoria, justiça e grande misericórdia em todas as suas obras." Tive que aceitar o fato de que o Senhor sabia melhor que eu o que era mais conveniente para nós. Finalmente encontrei paz, quando depositei nele a minha confiança. Tendo feito isso, *fomos* abençoados com mais filhos. Mas segundo sua própria programação.

A vida tem seus desafios, mas o Livro de Mórmon nos ajuda a encararmos cada dia de maneira positiva. O conselho de Alma a Helamã tem sido uma meta para mim. Diz ele: "Quando te levantares pela manhã, tem o teu coração cheio de agradecimento a Deus." (Alma 37:37.) Este sentimento de gratidão faz de cada dia, um dia feliz.

Quando recebo uma designação e me sinto insegura ou incapaz, volto-me às instruções de Lamôni a Alma, no versículo quatro do vigésimo capítulo de Alma. Lamôni poderia estar-me aconselhando: "Sei que com o poder do Senhor podes realizar todas as coisas." Isto me dá a coragem para seguir adiante, seja qual for a tarefa.

A coisa mais importante que o Livro de Mórmon fez por mim foi aprofundar o amor e reverência que sinto pelo meu Salvador, Jesus Cristo. Lendo e relendo 3 Néfi, desejo ter estado lá, para ouvi-lo quando falou ao Pai, e para vê-lo, quando abençoou as crianças (3 Néfi 17). Contudo, estudando esse grande livro com o coração fervoroso, eu, também, ouvi sua mensagem. Meu testemunho fortaleceu-se e minha vida foi enriquecida. Sei que, se fizer a minha parte, e se "banquetear-me com as palavras de Cristo", (ver 2 Néfi 32:3), elas me dirão tudo aquilo que devo saber. □

E.E. Fourie e Ann Laemmlen

DE QUEENSTOWN A C

A CIMEZILE

Um sumo conselheiro sul-africano é fortalecido por servir membros negros isolados.

E. E. Fourie

Minha primeira visita a Queenstown como sumo conselheiro suplente, recém-designado para a Estaca Durban África do Sul, foi o início de muitas experiências inesquecíveis. Tais experiências levaram-me a entender melhor como nosso Pai Celestial toca o coração de seus filhos de todas as raças, e como estende seu amor e proteção àqueles que procuram servi-lo.

Queenstown fica na parte leste do Cabo Province, circundada de montanhas e situada entre os estados de Ciskei e Transkei, habitados por negros. Eu fora designado para unidades da Igreja em East London, na costa; Queenstown; Sada e Cimezile, em Ciskei; e Ilinge, em Transkei.

Como imigrante recente de Harare, Zimbabwe, servi primeiramente como companheiro do Irmão Dennis Raubenheimer nessas visitas. Ele estava familiarizado com a região que cobríamos, porque servira na presidência do distrito.

Capela na Casa Funerária

O ramo de Queenstown tem uma capela incomum — uma casa funerária cedida gratuitamente pelos proprietários, que não são membros da Igreja. As paredes são de madeira, a iluminação é suave, as cadeiras especiais e existe um órgão. O último orador da reunião sacramental geralmente é interrompido pelo toque de sinos da igreja ao lado. O barulho às vezes continua por vários minutos, e o orador tem de decidir se fica em silêncio durante esse tempo, ou se fala mais alto que o toque dos sinos. As reuniões do ramo têm início às 7h00, no domingo, para que aqueles que vão visitar os ramos distantes nos estados negros, tenham tempo de viajar.

Após a primeira visita a Queenstown, o Irmão Raubenheimer e eu partimos para Ilinge, onde nos encontramos com o presidente do ramo, Augustine Mjiba, e mais de setenta santos. Eles se reuniam numa sala de aula alugada, com teto de zinco e chão de terra. Dividiam o prédio com outro grupo religioso, que usa tambores africanos para acompanhar seus cânticos. Mas, apesar das interrupções dos tambores e cânticos, sentimos o Espírito com grande abundância e amor e ternura pelos santos que se reuniam em tais condições.

Nossa visita seguinte a Queenstown incluiu paradas nos ramos de Sada e Cimezile.

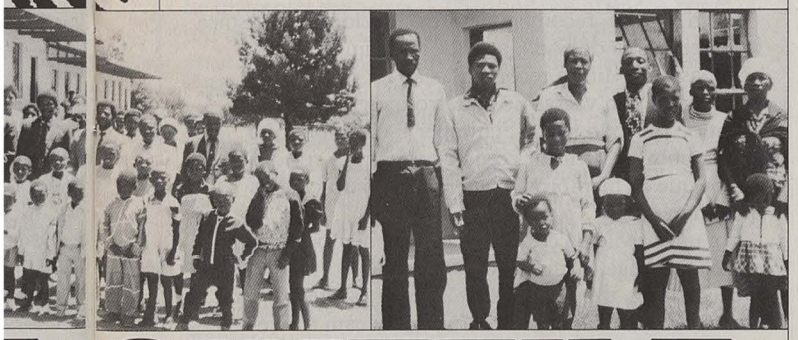
Harmonia Incomum

Os membros da Igreja em Sada reuniam-se numa escola semelhante à de Ilinge, exceto que o chão era de pinho. O Presidente Headman Gquola saudou-nos com um sorriso amigo, quando chegamos. Novamente, cada um dos membros do ramo entrou em fila, para cumprimentar-nos com um vigoroso aperto de mão.

Nesses ramos usamos intérpretes, pois a maioria dos santos não entende inglês, assim como nós não entendemos sua língua nativa, Xhosa. (Este problema está sendo sanado, pois os membros do sumo conselho foram instruídos pelo presidente da estaca a aprenderem esse idioma.) Os hinos, nesses ramos, constituem uma experiência deliciosa. É preciso ouvir a harmonia incomum e o volume de suas vozes ao cantar, para apreciar plenamente a alegria e júbilo de vozes puras e ressonantes.

Após uma reunião realmente edificante com os santos de Sada, viajamos para Cimezile, por uma estrada cheia de curvas e pedras. É preciso estar constantemente alerta nessas estradas, pois, inesperadamente, surgem ovelhas e cabras que vagueiam pela região, além dos perigos ao se atravessar leitos de rio cheios de pedras. Certa ocasião, perdi o silencioso do meu carro.

Em Cimezile, conheci uma das famílias mais espirituais que já encontrei, Wilson e Judith Nqunqa e seus oito filhos. O Irmão Nqunqa havia feito todo o belo trabalho em pedra, no exterior de sua casa tipicamente africana. Retratos do presidente da Igreja e



E.E. Fourie e Ann Laemmlen

Da esquerda para a direita: *Membros do Ramo Cimezile (o Irmão Fourie está à direita); Wilson e Judy Nqunqa e seus filhos; membros do Ramo Ilinge; membros do Ramo Sada.*

Autoridades Gerais, assim como "posters" com a letra de nossos hinos, cobrem as paredes de seu lar imaculadamente limpo.

O Irmão Raubenheimer comentou que, naquele lar humilde, onde até as crianças falavam com voz branda, a reverência e o espírito que sentimos era semelhante ao da casa do Senhor.

Visitas Semanais

Pouco depois dessas primeiras visitas, o Irmão Raubenheimer foi chamado como bispo da Ala East London, e minha família e eu nos mudamos para Queenstown. Com o auxílio dos missionários de Queenstown e meus familiares, visitei semanalmente cada um dos ramos distantes, durante algum tempo, ao invés de uma vez por mês, como fizera antes.

Esse trabalho continuou, com sucesso, até que irromperam distúrbios nas partes de Queenstown habitadas pelos negros. As reuniões da Igreja foram interrompidas, com o aumento da violência. Parte da escola de Sada foi incendiada, e os membros ficaram sem sala para as reuniões. Por razões de segurança, os missionários foram retirados, e as visitas às áreas de distúrbios realizavam-se apenas quando indicadas pelo Espírito do Senhor.

Em uma dessas visitas, viajei com meu filho Richard até Sada, descobrindo que todos os irmãos do ramo, junto com os homens da região, haviam sido forçados a comparecer a uma reunião política. Mas conseguimos oferecer um pouco de conforto espiritual às irmãs. Também ministramos a uma irmã que sofria de fortes dores de cabeça.

Buscaram a Proteção do Senhor

Cimezile era nosso próximo destino; visitamos o Irmão Nqunqa, que nos contou que um grupo de jovens locais havia aterrorizado várias famílias na noite anterior, pois invadiram suas casas e espancaram-nas. A família Nqunqa havia-se ajoelhado em oração, para buscar a proteção do Senhor. Pela manhã, naquele dia do Senhor, seu lar não havia sido perturbado.

Numa visita posterior a Cimezile, Richard e eu encontramos o Irmão Nqunqa muito doente. Abençoamos e distribuimos o sacramento, mas não antes de ele se levantar e vestir-se, insistindo em que deveria usar paletó e gravata, a fim de mostrar a devida reverência pelo sacramento. Ele chorou ao contar-nos que sabia que Richard e eu o visitaríamos naquele domingo, e que o Espírito lhe dissera que tudo sairia bem. Antes de partirmos, abençoamos o Irmão Nqunqa pelo poder do sacerdócio.

No dia seguinte, fui à casa do Irmão Nqunqa, para saber como ele estava. Sua esposa, Judith, assegurou-me que estava completamente curado, e já se encontrava no campo, a cuidar de suas plantações.

Dar Ouvidos ao Espírito

Certo domingo, senti que não devia ir visitar os membros de Sada. Disse à minha mulher que era como se os estivesse abandonando, se não fosse. "Ernie", respondeu-me, "se o Espírito o está avisando de que não deve ir, é preciso dar ouvidos a essa advertência". Foi o que fiz, e na visita seguinte, ficou provada a prudência de seu conselho. Se eu tivesse ido lá naquele domingo, teria sido apanhado no meio de uma manifestação violenta. A polícia usara bombas de gás para dispersar a multidão irada, e os santos foram forçados a fugir, quando o gás penetrou na sala de reuniões.

O governo de Transkei conseguiu restaurar a paz até certo ponto, e as visitas regulares ao Ramo de Ilinge continuaram. Havia violência, contudo, nas áreas de Queenstown e Ciskei. A freqüência às reuniões sacramentais em Sada diminuía rapidamente.

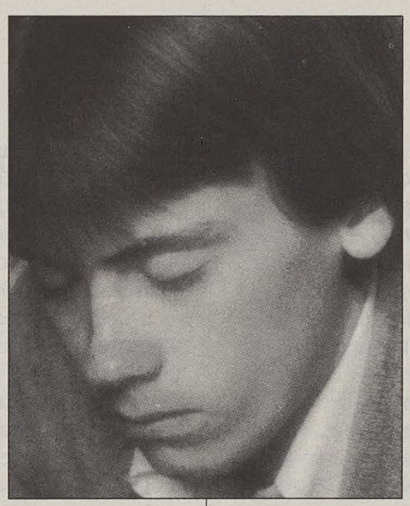
Mais uma vez, senti-me inspirado a não ir a Sada para as reuniões dominicais. Desta vez atendi ao aviso sem questionar. O Presidente Gquola contou-me mais tarde quão fervorosamente os membros de Sada haviam orado para que eu não aparecesse naquele dia. Um grupo de homens, convencidos de que o Presidente Gquola era um informante e eu um espião do governo, esperava por mim.

Com tristeza, recomendei que o presidente da estaca fechasse a área de Sada, até que os ânimos se acalmassem. Minha recomendação foi seguida, e o ramo ficou sem visitas nos quatro meses seguintes. Quando o Irmão Brian Schimper e eu voltamos a Sada, a fim de verificar como andavam as condições, vimos que os membros haviam suportado bem os quatro meses.

Foi um privilégio conviver com os membros dos ramos de Ilinge, Cimezile e Sada, assim como os de Queenstown, além dos fiéis missionários que serviam com tanta boa vontade. Eles me ajudaram a receber um testemunho da grande obra que ainda terá de ser realizada, ao trabalharmos para compartilhar o evangelho com o povo da África. □

PERGUNTAS E RESPOSTAS

Perguntas de interesse geral respondidas à guisa de orientação, e não como pronunciamento oficial da Igreja.



É errado ter perguntas ou sentir-se incerto a respeito de algum aspecto da Igreja?

Sasha William Kwapinski, membro de Morgan Hill (Ala Dois Califórnia), foi batizado na Igreja em 1971, após anos de busca religiosa.

A fé é uma coisa muito pessoal; cada um de nós tem a liberdade de decidir se e até que ponto colocará sua confiança no Senhor. Ademais, as pessoas chegam à fé em diferentes épocas da vida e de diferentes maneiras. O Senhor nos abençoa com um testemunho, quando, com coração honesto, assumimos o compromisso pessoal de buscar a verdade e depois seguir os passos que nos levam a adquirir e conservar um testemunho.

Durante nossa busca de testemunho, e mesmo enquanto procuramos fortalecer nossa fé, é provável que, vez por outra, experimentemos um certo grau de dúvida ou incerteza. Não há nada de errado em se fazer perguntas, desde que permaneçamos *honestos no coração*, enquanto buscamos alcançar entendimento. Nosso desafio é, fundamentalmente, manter nossas perguntas ou dúvidas num plano de *honestidade*.

Qual a diferença entre questionamento honesto e desonesto? O questionamento honesto procura respostas verdadeiras. Motiva o questionador a obter um entendimento melhor da verdade. A pessoa que tem perguntas honestas está sinceramente buscando e promovendo o conhecimento.

O questionamento desonesto, contudo, procura perpetuar-se. Motivada por críticas e teimosia, a pessoa desonesta batalha contra o entendimento, e não a favor dele. Logo se desloca do estado de incerteza para um estado de dúvida, desconfiança e, talvez, até antagonismo em relação à idéia ou objeto de sua incerteza.

Qual a diferença? Fé. À primeira vista pode parecer estranho pensar que perguntas, ou incertezas, são uma indicação de fé, uma vez que as duas coisas são sempre consideradas opostas. Devemos levar em conta, entretanto, a natureza da fé: Com uma atitude de fé, o questionador honesto percebe que existe algo acima e além de seu nível atual de entendimento. Aprende a ser humilde, ao compreender que seu próprio conhecimento não é completo. E desenvolve uma fé maior, tanto em si mesmo quanto em Deus — fé em que o entendimento, conhecimento e testemunho chegarão no momento devido, após esforços diligentes, perguntas e busca.

O jovem Joseph Smith dirigiu-se ao bosque com o coração honesto, quando estava à procura de resposta às perguntas que lhe perturbavam a mente. Sentiu-se motivado a fazê-lo, depois de ler as palavras de Tiago 1:5-6: "E, se algum de vós tem falta de sabedoria, peça-a a Deus, que a todos dá liberalmente, e o não lança

em rosto, e ser-lhe-á dada.

Peça-a, porém, com fé, não duvidando; porque o que duvida é semelhante à onda do mar, que é levada pelo vento e lançada de uma para outra parte."

Vemos, portanto, que a fé é fundamental no questionamento honesto; é necessária para o questionador honesto ter motivação suficiente para levá-lo à sua meta de obter conhecimento e testemunho.

Alma, um profeta do Livro de Mórmon, falou sobre a luta adicional que enfrentariam aqueles que questionam desonestamente, e contrastou-a com as bênçãos reservadas aos honestos de coração: "Aquele que endurecer seu coração, receberá uma parte menor de sua palavra; e o que não endurecer seu coração receberá uma maior parte de sua palavra, até que lhe seja concedido conhecer todos os mistérios de Deus.

E aos que endurecerem seus corações será dada a menor parte da palavra, até que nada saibam a respeito de seus mistérios; e serão então escravizados pelo diabo e levados por sua vontade à destruição." (Alma 12:10-11.)

Como a incerteza é geralmente resultado da falta de conhecimento, é importante saber como conseguir conhecimento. Alma nos ensina uma forma excelente de aprender a verdade. Após afirmar que a *fé* "não é um conhecimento perfeito" (Alma 32:26), compara a verdade a uma semente plantada no coração, alimentada pelo Espírito do Senhor, e que incha, brota, amplia a alma e começa a iluminar o entendimento. Reconhecida como uma boa semente, não é jogada fora por descrença, mas tem permissão de crescer e produzir fruto, sendo encorajada a fazê-lo.

"E, agora, é perfeito o vosso conhecimento? Sim, o vosso conhecimento é perfeito nesta coisa e vossa fé permanece adormecida; e isso porque sabeis; porque não ignorais que a palavra dilatou vossos corações e germinou, de modo que vossas inteligências começaram a iluminar-se e vossas mentes começaram a se expandir." (Alma 32:34.)

Aquele que busca honestamente a verdade, passará então à pergunta seguinte — ou área de conhecimento imperfeito — e iniciará novamente o processo de plantio e nutrição.

Qual será o resultado? "Se cultivardes a palavra, sim, tratando da árvore à medida que começa a crescer, através de vossa fé, grande esforço e paciência, esperando pelo fruto, ela criará raiz; e eis que será uma árvore que brotará para a vida eterna.

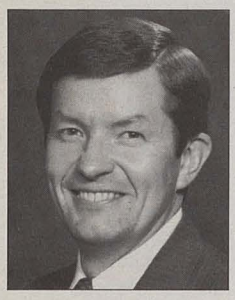
E por causa de vosso esmero, vossa fé e paciência em cultivar a palavra, para que tenha raiz em vós, eis que pouco a pouco colhereis de seu fruto, o qual é sumamente precioso, sendo mais doce que tudo o que é doce, mais branco que tudo o que é branco, sim, e mais puro que tudo quanto é puro; e banqueteareis com esse fruto até vos fartardes e não tereis fome nem sede." (Alma 32:41-42.)

Morôni deu outra descrição do tipo de honestidade necessária para vencer a incerteza: Em nossa busca, devemos perguntar "a Deus, o Pai Eterno, em nome de Cristo". E, se perguntarmos "com um coração sincero e com real intenção, tendo fé em Cristo, ele vos manifestará sua verdade... pelo poder do Espírito Santo.

E pelo poder do Espírito Santo podeis saber a verdade de todas as coisas." (Morôni 10:4-5.)

Se de tempos em tempos, tivermos perguntas, sobre uma parte do evangelho, não precisamos preocupar-nos com nosso testemunho! Basta admitir que não sabemos todas as coisas ainda; e então, com um coração honesto, procurar compreender o que não está claro. Devemos levar nossas perguntas a líderes de confiança, estudar seriamente e orar com um "coração sincero", com "real intenção" e com "fé em Cristo". Desta forma, poderemos "saber a verdade de todas as coisas". □

Estou pensando em doar alguns órgãos para transplante. Isso é errado?



Cecil O. Samuelson Jr,
Reitor, representante regional
e médico.

O transplante de órgãos é uma das verdadeiras maravilhas da medicina moderna. A ciência médica progrediu ao ponto de que a substituição de uma parte do corpo ferida ou enferma, como um rim, a córnea do olho, o coração, o fígado, ossos e sua medula, pele ou pâncreas, está-se tornando muito comum. A maioria dos doadores planeja, antes de morrer, doar certos órgãos ou tecidos. Contudo, alguns órgãos, como os rins, podem ser doados à pessoa necessitada ainda em vida.

Como acontece em relação a muitos outros avanços científicos, vários aspectos do transplante de órgãos carregam sérias implicações econômicas, éticas, morais e religiosas. E, como em relação a muitos outros importantes aspectos da vida, fomos aconselhados a estudar as informações, tomar decisões e orar a respeito de nossas escolhas. (Ver D&C 9:7-9; 58:26-28.)

A Igreja não adotou nenhuma posição oficial quanto ao transplante de órgãos. Parece óbvio, entretanto, que essa prática não afeta a ressurreição de uma pessoa, uma vez que o órgão logo retornará aos elementos básicos da terra, por ocasião da morte. Seja o que for que aconteça a um órgão após a morte, temos a promessa de que "todos os membros e juntas serão devolvidos aos respectivos corpos; sim, nem mesmo um fio de cabelo da cabeça será perdido". (Alma 40:23.)

Entrementes, bênçãos maravilhosas têm sido recebidas por milhares de pessoas e suas famílias, através da doação e substituição de órgãos. Vários médicos que trabalham com transplantes, relataram-me histórias e cartas inspiradoras de pessoas que receberam esse serviço especial. Famílias que estavam sofrendo com a morte de um ser amado, foram profundamente consoladas pelo conhecimento de que outras vidas haviam sido salvas ou consideravelmente melhoradas após receberem o transplante de um órgão vital. Outras famílias evitaram graves moléstias, ou até a morte, porque um parente teve condições de doar um órgão a uma pessoa querida.

Ao trabalhar com doadores e receptores, presenciando o amor altruísta evidenciado nessa doação de vida e saúde, sempre me lembro do que Pedro e João fizeram, quando encontraram um mendigo coxo, ao se dirigirem para o templo. O coxo pedia apenas esmola, e, ao invés disso, foi curado. Ao homem enfermo, Pedro disse: "Não tenho prata nem ouro; mas o que tenho isso te dou." (Atos 3:6.)

As pessoas que estiverem pensando em doar um rim a um parente, devem saber que só alguém que preencher estritamente os requisitos, será considerado como doador. Devido à escolha meticulosa e aos avanços das técnicas de transplantes, os doadores não enfrentam os riscos de alguns anos atrás. Uma pessoa saudável pode doar um rim, por exemplo, e continuar a levar uma vida normal, sustentada pelo rim restante.

Embora a questão de transplantes de órgãos vitais continue sendo grandemente pessoal, merece uma consideração fervorosa. □

RICARDO PEREZ:

EDIFICA, EM QUETZALTENANGO, GUATEMALA, UM LEGADO DO EVANGELHO DE TRÊS GERAÇÕES

Don L. Searle

A verdadeira igreja de Jesus Cristo devia ter um profeta vivo. Ricardo Perez estava convencido disso. Mas, onde encontrar tal igreja?

O estudo da Bíblia levara-o a abandonar a igreja em que fora criado, a despeito do que pudessem pensar sua família e amigos. Para eles, isto parecia uma loucura, na Guatemala de 1954. Mas Ricardo sentia que não mais lhe seria possível praticar algumas coisas que lhe haviam sido ensinadas. Assim, abandonando a igreja de sua juventude, sentiu que havia deixado os erros para trás. Desejava encontrar a igreja aprovada por Deus. Queria saber a verdade.

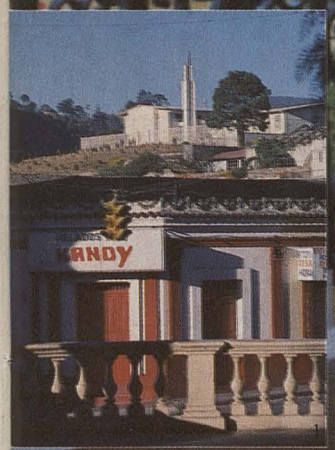
Pesquisou várias igrejas, mas "não encontrei um lugar para praticar a religião da forma ensinada pelos antigos apóstolos". Estudando a Bíblia, convencera-se de que a verdadeira igreja teria algumas características inconfundíveis: um profeta vivo, apóstolos, batismo por imersão, e uma distribuição adequada do sacramento aos membros, por exemplo.

Ao procurar uma Bíblia, finalmente foi levado à igreja que buscava. "Há uns jovens norte-americanos que estão sempre por aqui. Eles vendem Bíblias", informou-lhe um dos empregados da sua alfaiataria. Naquele momento, dois missionários SUD passavam pela porta da loja. "Lá vão eles!" disse o homem.

Não, explicaram os missionários, eles não vendiam livros; pregavam o evangelho, ensinando através de um livro chamado Livro de Mórmon, e da Bíblia. Deixariam um exemplar com ele durante uma semana, se desejasse lê-lo.

"Como estava ansioso para aprender algo mais sobre as coisas de Deus, iniciei a leitura imediatamente. Assim que comecei, senti o Espírito com muita força. Sabia que era de Deus", recorda o Irmão Perez.

1. A sede da Estaca Quetzaltenango Oeste. 2. A família Perez. 3. Mercado guatemalteco. 4. O Irmão e a Irmã Perez nos primeiros anos. 5. Irmão e Irmã Perez mais recentemente. 6. Sua filha Angelina. 7. O filho, Israel, que serve como Representante Regional da Cidade da Guatemala, Região Guatemala.


ANDY

"Cheguei a ponto de, às vezes, sonhar com eventos do Livro de Mórmon, *antes* de lê-los. Então, no dia seguinte, lia aquilo com o que já havia sonhado."

Quando Ricardo Perez começou a freqüentar a Igreja com os missionários, descobriu que a Igreja oferecia tudo o que ele se convencera de que a verdadeira igreja devia ter — e mais. Agradecido, compartilhou o que aprendeu com a família, e seus filhos também creram.

Contudo, não pensara sobre a lei do dízimo, em seus estudos bíblicos da igreja primitiva de Cristo. Parecia-lhe difícil abrir mão de um décimo de sua renda, diante da precária situação financeira de sua família. "Não sei se posso pagar o dízimo. Vamos esperar até que o Senhor nos ajude (a poder pagar o dízimo), e então nos batizaremos", disse à esposa.

Os filhos e a mulher ajudaram-no a mudar de idéia a respeito de adiar o batismo. A filha Angelina, que era então uma adolescente, estava convencida de que a Igreja era verdadeira, e queria tornar-se membro. Sugeriu à mãe que planejassem um presente de aniversário especial para o pai — seriam todos batizados com ele, naquele dia.

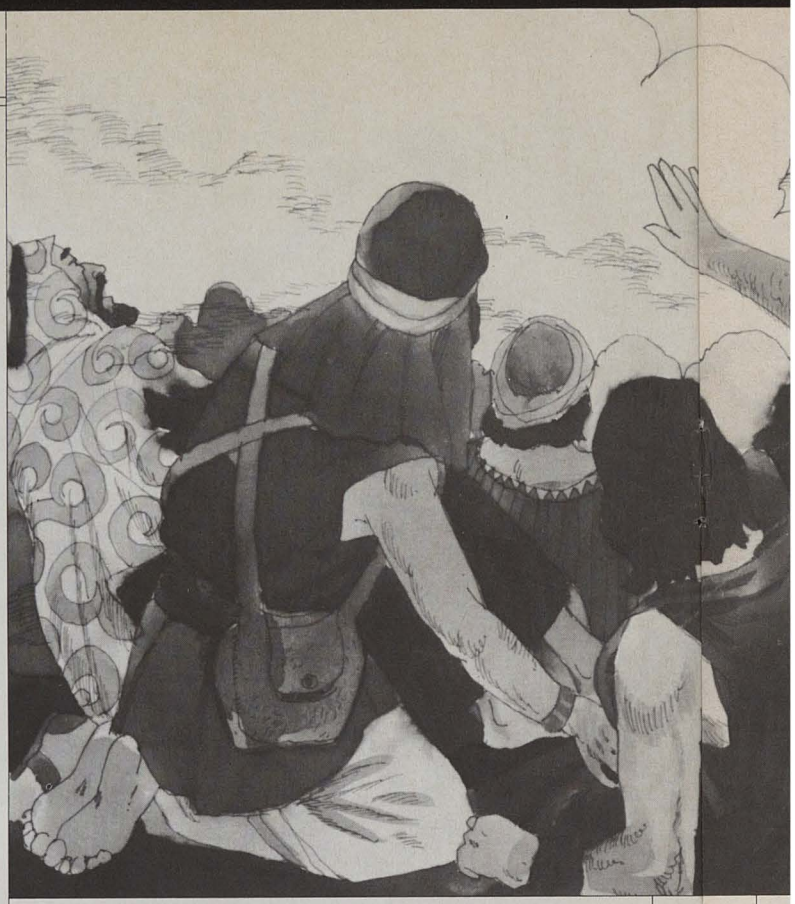
Inácia Perez deixou-se convencer facilmente. Ela tivera um sonho, no qual um jovem lhe oferecera uma taça na qual deveria beber. Quando foi a uma reunião sacramental pela primeira vez, por insistência de Angelina, Inácia percebeu que a taça do seu sonho era o copo sacramental.

Assim, ela e os filhos estudaram o evangelho com os missionários, até que, finalmente, sentiu-se pronta para dizer ao marido: "Temos um presente que desejamos dar-lhe no seu aniversário — mas preciso dizer qual é, porque necessitamos de seu consentimento." Ele

O Templo do Arizona, onde a família Perez foi selada.

SEÇÃO INFANTIL

A CONVERSÃO DE ALMA, O FILHO



Alma estava muito preocupado. Como líder espiritual dos nefitas, ele sabia que muitos jovens não acreditavam em Deus, não queriam ser batizados, nem pertencer à Igreja. Alma se preocupava com esses jovens. Mas o pior era que eles zombavam e caçoavam dos membros fiéis da Igreja.

O que também entristecia muito Alma era o fato de seu próprio filho, também chamado Alma, ser um líder entre os incrédulos e fazer tudo o que podia para destruir a Igreja. Ele era um dos piores pecadores, homem iníquo e idólatra, que causava muitos problemas à Igreja. Quando o povo escutava suas palavras agradáveis, mas mentirosas, sua fé vacilava, permitindo que Satanás ganhasse poder sobre eles. O povo começava vagarosamente a se afastar da verdade.

Apesar da iniqüidade de Alma, o Filho, seu pai continuava a amá-lo e nunca deixou de esperar que ele se arrependesse e vivesse dignamente. Ansiava por ver o filho feliz e fiel à Igreja. Junto com outras pessoas, Alma orava para que seu filho, de alguma forma, sentisse desejo de mudar.

O jovem Alma tinha quatro amigos, todos filhos do Rei Mosiah, que também eram muito iníquos. Eles se juntaram a Alma e viajavam por toda a terra, procurando destruir a Igreja.

Certo dia, em que estavam criando problemas, apareceu-lhes um anjo do Senhor. Quando o anjo falou, sua voz era semelhante à do trovão e fez com que a terra onde os rapazes estavam sacudisse violentamente. Alma e seus amigos ficaram com tanto medo, que caíram ao chão.

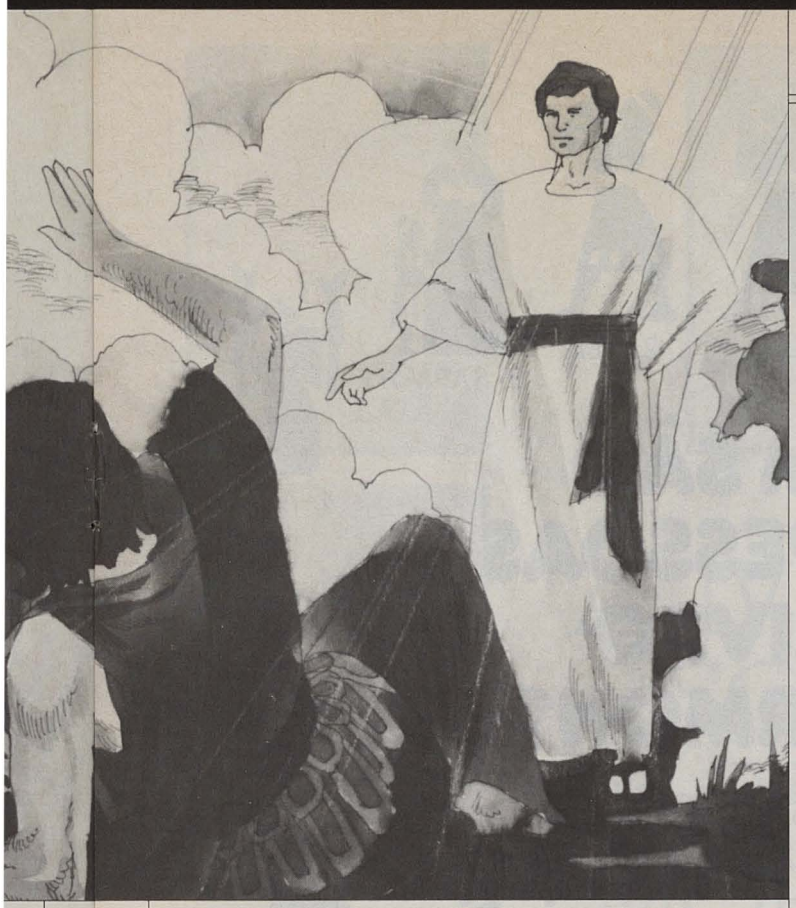
O anjo ordenou: "Alma, levanta-te e apresenta-te; pois, por que persegues a igreja de Deus?"

Alma escutou o anjo. Foi-lhe dito que seu pai estivera orando por ele e pedira a Deus que lhe desse um conhecimento da verdade. O anjo explicou que havia sido enviado em resposta às orações fervorosas do pai de Alma; tinha vindo para convencer o jovem do poder de Deus.

A terra tremia enquanto o anjo perguntava a Alma: "Podes tu por acaso disputar o poder de Deus? Pois não faço eu tremer a terra com minha voz? Não me podes ver na tua frente? E eu sou enviado por Deus. Segue o teu caminho e não procures mais destruir a igreja, para que as orações deles tenham resposta, ainda que tu, por ti mesmo, prefiras ser afastado."

Com estas palavras, o anjo partiu.

Alma e seus amigos ficaram tão espantados, que caíram novamente por terra. Eles tinham visto um anjo do Senhor com seus próprios olhos; tinham ouvido sua voz e sentido o chão tremer enquanto ele falava. Sabiam que só mesmo o poder de Deus poderia fazer com que a terra tremesse tão



violentamente.

Alma ficou tão assombrado com as coisas que tinha visto e ouvido, que ficou sem forças por diversos dias, não conseguia falar, nem mesmo mover os braços ou pernas. Quando os amigos viram seu estado, carregaram-no para casa e o colocaram diante de seu pai.

O pai de Alma se regozijou com o que tinha acontecido ao filho, pois sabia que suas orações haviam sido respondidas e que o Senhor estava ajudando o filho a conhecer a verdade. Ficou tão contente, que convidou toda uma multidão para ver o resultado de suas orações. Depois, pediu aos membros do sacerdócio que jejuassem e orassem, para que o Senhor abrisse a boca do jovem, a fim de que ele pudesse falar, e também para que seus braços e pernas recuperassem as forças. Eles jejuaram e oraram durante dois dias e duas noites.

Durante todo esse tempo, Alma ficou sem se mexer. Ele passava pelo difícil processo de arrependimento e estava sendo atormentado pelos seus pecados, lembrando-se de que se havia rebelado contra Deus. Sabia que levara muitas pessoas a fazerem coisas erradas, e só em pensar que um dia teria de se apresentar perante Deus, ficava horrorizado. Ele pensou: "Se eu pudesse ser banido e aniquilado em corpo e alma, para que não fosse levado à presença de meu Deus, a fim de ser julgado pelas minhas obras!"

Admitir seus pecados foi para ele uma experiência agoniante e dolorosa, estava profundamente arrependido e envergonhado. Em meio ao seu desespero, o jovem lembrou-se de que seu pai lhe dissera que Cristo viria ao mundo e sofreria pelos pecados de todos os homens. Pela primeira vez em sua vida, Alma, o Filho, suplicou perdão, clamando: "Ó Jesus, Filho de Deus, tem misericórdia de mim!" Finalmente o sofrimento de Alma foi substituído por um sentimento de estranha alegria, ao compreender que havia sido perdoado. Ele sabia que o Salvador o amava e passou a sentir um amor profundo pelo Senhor, que enchia toda a sua alma. Ele agora tinha um poderoso testemunho das verdades que lhe haviam sido ensinadas.

O jovem Alma se levantou da cama e começou a falar ao povo. Seu pai deve ter-se sentido muito emocionado, ao ouvi-lo dizer: "Arrependi-me de meus pecados e o Senhor me redimiu." Ele prestou testemunho ao povo, dizendo que, embora antes houvesse rejeitado a Jesus, agora sabia que ele era o Filho de Deus e o Redentor do mundo.

Alma, o Filho, e os filhos de Mosiah mudaram completamente de vida. Ao invés de continuarem tentando destruir a Igreja, viajaram por toda a terra, para corrigir os danos que haviam causado. Por toda a parte onde iam, admitiam seus pecados e contavam a história de sua conversão. Eles explicavam as profecias e as escrituras. Seus testemunhos eram fortes e muitos acreditaram neles. Outros ficavam zangados, quando os ouviam pregar, mas isto não os fez desanimar. Eles sabiam que haviam aprendido a verdade, e queriam compartilhá-la com todos. Queriam que todos experimentassem a alegria proporcionada pelo viver justo.□ *(Esta história se encontra em Mosiah 26-28; Alma 36.)* (Ver *Histórias das Escrituras*, pp. 153-156.)

QUEM SÃO ESSAS PESSOAS DO LIVRO DE MÓRMON?

Respostas: (1) k, (2) n, (3) g, (4) c, (5) m, (6) l, (7) a, (8) h, (9) d, (10) f, (11) i, (12) e, (13) b, (14) j, (15) o.

Janet Peterson

Ligue o nome de cada pessoa acima com a sua descrição abaixo.

a. Líder de dois mil jovens guerreiros.

b. Foi à floresta caçar animais, orou um dia e uma noite para pedir perdão.

c. Orou para que seu filho se arrependesse.

d. Rei justo, falou ao povo do alto de uma torre.

e. Resumiu as placas das quais foi compilado o Livro de Mórmon.

f. Pediu ao Senhor que iluminasse dezesseis pedras, para que houvesse luz nos barcos que atravessariam o oceano.

g. Esposa de Léhi, teve dois filhos no deserto.

h. Último autor do Livro de Mórmon

i. Profetizou, das muralhas da cidade, a vinda de Cristo.

j. Tinha quatro filhos que foram convertidos e se tornaram grandes missionários.

k. O Senhor o mandou deixar Jerusalém e levar sua família para a terra de promissão.

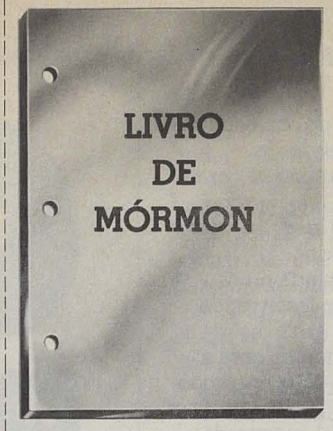
l. Viu um anjo, perdeu as forças e a fala, arrependeu-se e pregou o evangelho.

m. Viveu numa caverna e escreveu registros.

n. Obteve as placas de latão de Labão.

o. Conversa lamanita, serva de Lamôni.

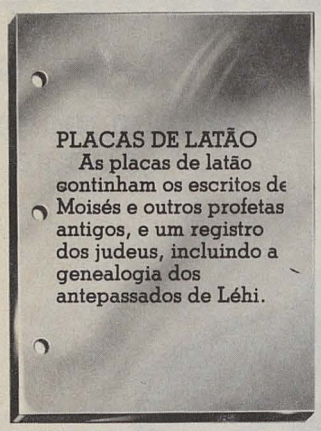
Timothy Sheppard



ATIVIDADE SOBRE O LIVRO DE MÓRMON

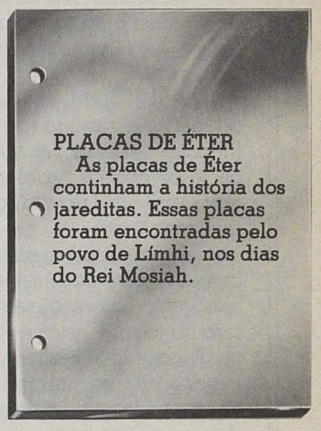
O Livro de Mórmon foi traduzido de cinco conjuntos de placas: as placas de latão, as placas maiores de Néfi, as placas menores de Néfi, as placas de Éter e as placas de Mórmon. Você pode fazer um modelo dessas placas, para lembrar-se de onde o Livro de Mórmon foi traduzido.

1. Cole a página em cartolina.
2. Recorte as placas e as descrições ao longo das linhas pontilhadas.
3. Faça furos nos lados, pelas marcas, depois una com lã, prendedores de metal ou argolas.



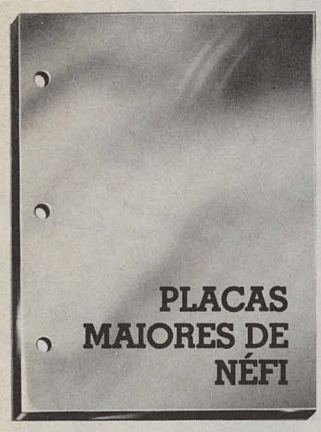
PLACAS DE LATÃO

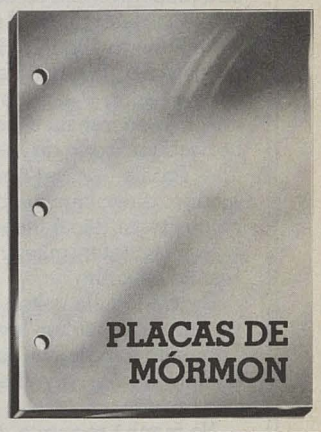
As placas de latão continham os escritos de Moisés e outros profetas antigos, e um registro dos judeus, incluindo a genealogia dos antepassados de Léhi.

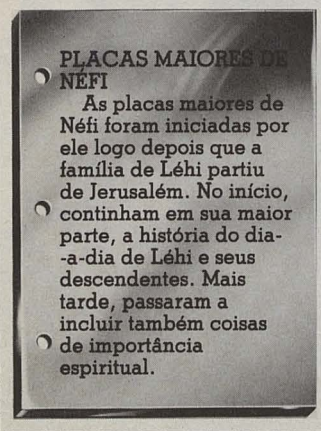


PLACAS DE ÉTER

As placas de Éter continham a história dos jareditas. Essas placas foram encontradas pelo povo de Límhi, nos dias do Rei Mosiah.





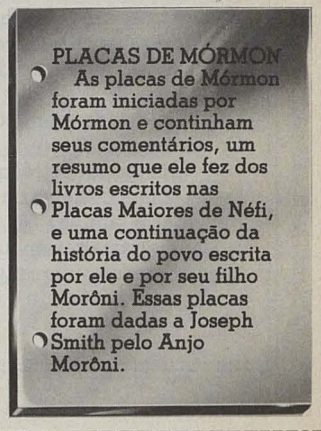


PLACAS MAIORES DE NÉFI

As placas maiores de Néfi foram iniciadas por ele logo depois que a família de Léhi partiu de Jerusalém. No início, continham em sua maior parte, a história do dia-a-dia de Léhi e seus descendentes. Mais tarde, passaram a incluir também coisas de importância espiritual.

PLACAS MENORES DE NÉFI

As placas menores de Néfi, escritas por Néfi, continham o registro religioso da nação nefita.



PLACAS DE MÓRMON

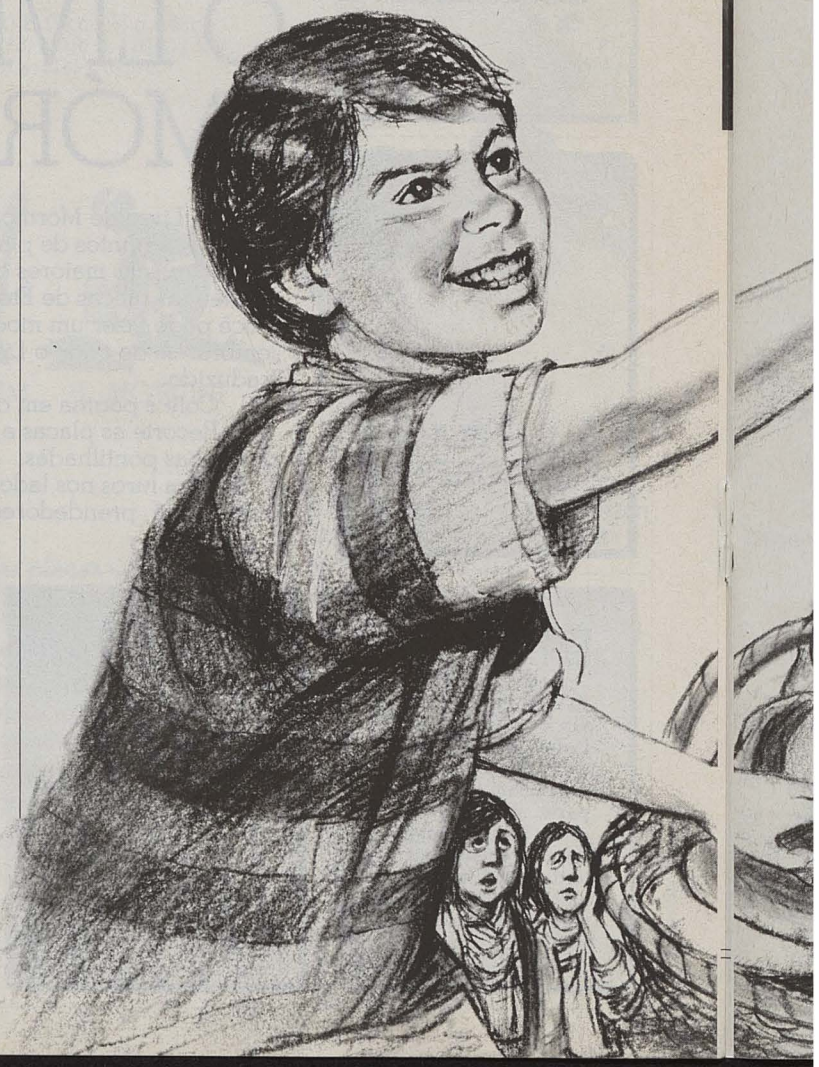
As placas de Mórmon foram iniciadas por Mórmon e continham seus comentários, um resumo que ele fez dos livros escritos nas Placas Maiores de Néfi, e uma continuação da história do povo escrita por ele e por seu filho Morôni. Essas placas foram dadas a Joseph Smith pelo Anjo Morôni.

Timothy Sheppard

JUAN
ENCONTRA UM

Carol S . Lemo

Com um movimen to rá
jogou o pão rua



Juanito tentou limpar a terra de sua camisa rasgada. "Por que tive de perder as estribeiras novamente?" resmungou para si mesmo.

Ao descer o caminho que levava à casa, viu sua mãe e a irmã colhendo verduras na horta do quintal, e a avó, sentada num banco debaixo da laranjeira, ocupada em fazer renda *nhanduti*.

— Olá, Juanito! — disse a mãe, dirigindo-se para a casa com uma cesta cheia de verduras. — Por que você está tão atrasado?

— Desculpe, mãezinha, não vou mais chegar tarde — respondeu Juanito. Virou e correu para a casa para trocar de roupa antes que a mãe notasse sua camisa suja e rasgada.

— Ah, Juanito, você andou brigando outra vez! — disse a mãe zangada, quando viu o rosto inchado do filho. — Quando vai aprender que brigar não é maneira de resolver seus problemas? Venha cá, vamos passar água boricada no seu rosto, enquanto você me conta o que aconteceu.

— Estávamos jogando futebol depois da aula — começou Juanito — quando uns meninos mais velhos chegaram e começaram a empurrar todo mundo para fora do jogo. Carlos e Paulo foram embora, mas eu resolvi que não seria covarde. Assim, toda vez que eles me derrubavam, eu me levantava outra vez. Então, uma vez que a bola nem estava perto de mim, Roberto me deu uma rasteira e eu caí numa poça d'água.

— Oh, Juanito, sinto muito — suspirou a mãe.

— Roberto ficou lá, rindo e me xingando, e então perdi a cabeça e bati nele. Aí todos os outros vieram atrás de mim — explicou Juanito.

A mãe só franziu a testa, enquanto aplicava água boricada no rosto de Juanito.

— Pronto — disse finalmente. — Já terminei. Agora, Juanito, quero que me prometa que não vai brigar de novo. Brigar não é maneira de resolver um problema.

— Vou tentar, mãezinha, mas não é fácil — respondeu Juanito baixinho.

Logo a família voltou a atenção para o preparo das verduras que seriam levadas à feira na manhã seguinte. Enquanto trabalhava, Juanito pensou no Sr. Benet, o padeiro da vila, que lhe havia pedido que vendesse seu pão na feira.

Na manhã seguin e, bem cedo, Juanito vestiu-se com roupas brancas e limpas. Penteou o cabelo cuidadosamente e correu para a padaria do Sr. Benet. A cesta de pães redondos ainda estava perfumada e quentinha.

— Sei que fará um bom trabalho, Juanito — disse o Sr. Benet.

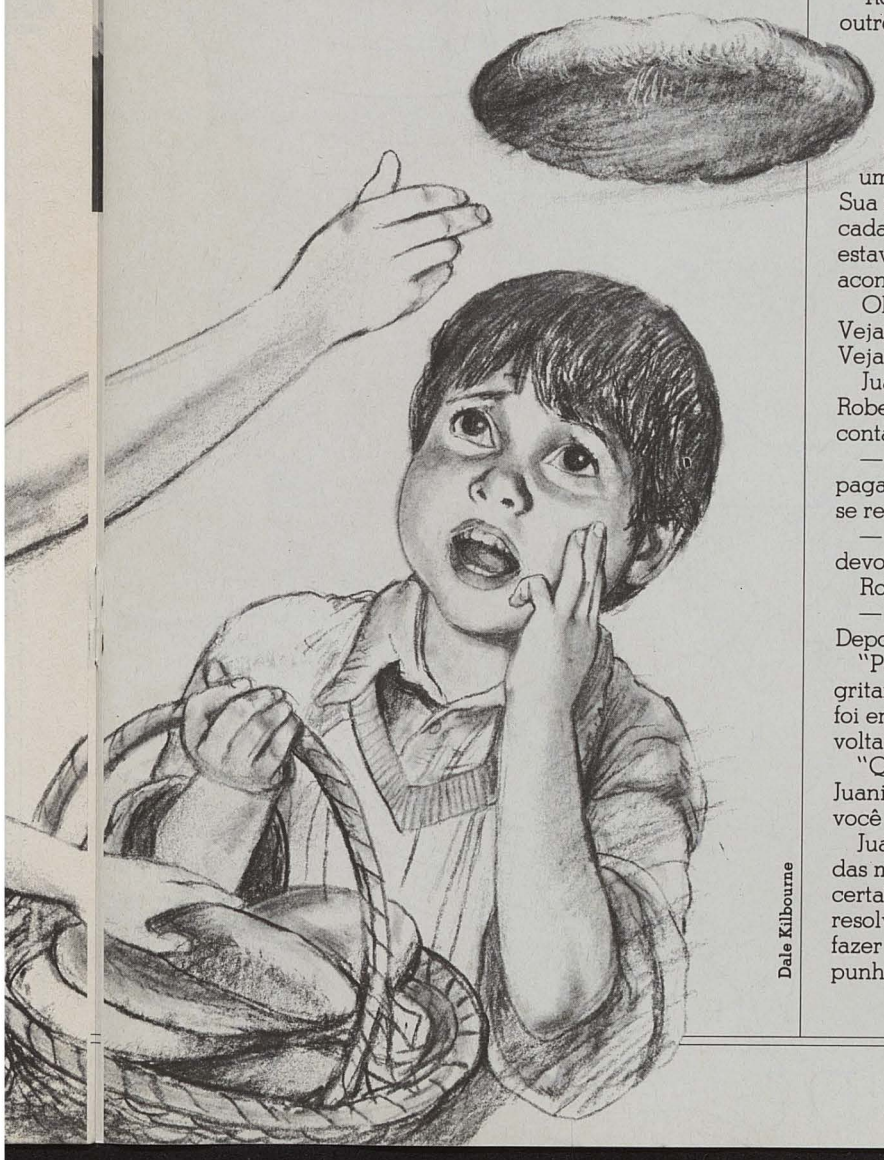
— Obrigado, — respondeu Juanito. — Voltarei esta tarde com a cesta vazia — gritou, enquanto corria para alcançar a família.

Quando chegaram à praça, todos estavam montando suas barracas ou arranjando um lugar para expor suas

ANITO
UM CAMINHO

Carol S . Lemon

imen to rápido, Roberto
pão rua abaixo.



Dale Kilbourne

mercadorias; Juanito, porém, decidiu que seria melhor andar pelo meio da multidão.

"Pão fresquinho! Pão fresquinho!" anunciava, andando no meio do povo. Quando o sol estava alto no céu, Juanito já havia vendido quase metade dos pães.

Está quente, pensou Juanito, limpando a testa. *Acho que vou descansar na sombra durante alguns minutos.*

— Olá, Juanito! — disse uma voz, saindo da multidão. — O que está fazendo e o que é que você tem aí na sua cesta?

Juanito olhou para cima e deu com Roberto.

— Estou vendendo estes pães para o Sr. Benet — replicou Juanito.

— Pão! Isso é pão? — perguntou Roberto, apanhando um da cesta. — Não parece pão. Vamos ver se ele voa como um pássaro!

Com um rápido movimento do pulso, Roberto atirou o pão que voou e caiu na rua.

— Pare! — gritou Juanito. — Você não pode fazer isso!

Roberto estava rindo tão alto que nem ouviu. Pegou outro pãozinho e atirou para o ar.

Fechando os punhos, Juanito deu um passo em direção a ele. Então, pareceu-lhe ouvir a voz da mãe, dizendo: "Lutar não é maneira de resolver um problema."

Quando Roberto foi pegar outro pão, Juanito parou um instante, deu um passo para trás e começou a rir. Sua risada foi baixinha a princípio, e depois foi ficando cada vez mais alta, até que todas as pessoas que estavam por perto pararam para ver o que estava acontecendo.

Olhando para a multidão, Juanito disse bem alto: — Vejam este Roberto! Ele compra pão para jogar fora. Vejam como ele faz!

Juanito apanhou um pãozinho e estendeu-o a Roberto. — Vamos! Jogue quantos desejar. Eu vou contando e depois que terminar, você me paga.

— Pagar a você? — resmungou Roberto. — Não vou pagar... — começou. Mas então notou toda a gente que se reunira em volta deles.

— Ah, sim, naturalmente — murmurou. — Vejamos, devo-lhe três pães.

Roberto colocou a mão no bolso e abriu a carteira.

— Aqui está o dinheiro — disse mal-humorado. Depois, virou-se e desapareceu na multidão.

"Pão fresquinho! Pão fresquinho!" começou Juanito a gritar novamente. Logo todo o pão desapareceu, e ele foi encontrar-se com os pais que o esperavam para voltar para casa.

"Que belo vendedor!" disse o Sr. Benet, quando Juanito lhe entregou o dinheiro. "De agora em diante, você vai levar todos os meus pães para a feira."

Juanito assobiava ao descer a rua, ouvindo o tilintar das moedas que ganhara em seu bolso. "Mamãe estava certa", disse para si mesmo. "Brigar não é maneira de resolver um problema — especialmente se eu conseguir fazer minha cabeça funcionar em lugar de meus punhos!" □

PÁGINA
PARA
COLORIR

prontamente deu permissão, decidindo então que simplesmente encontrariam uma forma de pagar o dízimo. Logo descobriu que não era tão difícil quanto imaginara.

Ricardo e Inácia e seus três filhos mais velhos — Angelina, Jorge e Teresa — foram batizados a 26 de janeiro de 1954. Os filhos Israel e Victor eram muito jovens para serem batizados, e o mais novo, Josué Ricardo, só nasceu três anos após o batismo da família.

A dedicação de Ricardo Perez à nova fé levou-o a muitas posições de liderança. Tanto ele quanto a esposa são descendentes dos maias dos planaltos da Guatemala, e logo que entraram para a Igreja, a família freqüentou reuniões no ramo de Totonicapan, uma grande comunidade índia situada nas montanhas, a cerca de vinte e poucos quilômetros de distância. Mais tarde, o Irmão Perez serviu três vezes como presidente de ramo em Quetzaltenango, como conselheiro na presidência de distrito, como membro do conselho do distrito e como auditor. Quatro domingos por mês não eram suficientes para o trabalho de auditoria, e ele começou a viajar para ramos distantes durante a semana.

O Irmão e a Irmã Perez foram selados no Templo do Arizona, em 1965. Desejando que os filhos, que haviam permanecido em casa, fossem selados a eles, a Irmã Perez orou para que essa bênção se tornasse possível. Em resposta, seu negócio de tortilhas prosperou, ajudando a prover os fundos necessários para levá-los novamente ao templo, três anos mais tarde. Em seguida, o Irmão e a Irmã Perez sentiram o desejo de que seus filhos casados também fossem selados a eles. Ela voltou a orar pedindo ajuda, e, mais uma vez, seu negócio prosperou. O dinheiro financiou uma viagem de toda a família, inclusive os filhos casados, com os cônjuges e netos. Em 1975, o Irmão Perez foi chamado como patriarca da recém-criada Estaca de Quetzaltenango.

Como os pais, os filhos da família Perez têm dedicado seu tempo ao serviço da Igreja. Angelina foi presidente da Sociedade de Socorro seis vezes, em ocasiões diferentes, em nível de ramo, ala ou estaca. Jorge, além de servir como presidente de estaca, foi presidente das missões de Guatemala Quetzaltenango e México Merida. Teresa ocupou vários cargos, inclusive como presidente da Sociedade de Socorro da ala. Israel foi presidente da Estaca de Quetzaltenango e agora serve como Representante Regional. Victor é conselheiro na presidência da Estaca de Quetzaltenango Oeste. O jovem Ricardo é conselheiro do presidente da Missão Guatemala Quetzaltenango. E a terceira geração da família Perez, na Igreja, está agora seguindo a mesma tradição de servir.

Israel Perez comenta que seu pai lê e estuda constantemente, sejam as escrituras, sejam outros livros da Igreja. Além do amor a Deus, talvez a maior herança deste pai aos filhos, diz Israel, é que também transmitiu o amor à educação. Embora as escolas públicas da Guatemala não oferecessem doze séries como as escolas de muitos outros países, o Irmão Perez insistiu em que seus filhos recebessem o benefício pleno do que lhes era oferecido. Também fazia questão que os filhos conhecessem as opções quanto aos ofícios e, quando escolhiam um, ele respeitava sua decisão.

O Irmão e a Irmã Perez são muito amigos dos filhos. Reúnem-se com freqüência para atividades em família, e sempre as terminam com uma oração.

Sobre o pai, comenta o filho mais jovem: "Todos nós o respeitamos. Ouvimos seus conselhos com alegria." Os conselhos do pai respeitam seu livre-arbítrio. Quando um de seus filhos lhe pergunta o que deve fazer a respeito de certo problema, o Irmão Perez geralmente responde: "Bem, eu faria tal coisa, mas é você quem deve decidir."

O Irmão Perez não toma para si o mérito da fidelidade de seus filhos.

"Sou grato pela Igreja, e pelo cuidado de minha esposa em ensinar nossos filhos. Eles aceitaram o evangelho de todo o coração. Sabemos a grande bênção que o evangelho tem sido para eles e para nós." □

DAVI

Maria Ramos

Naquele domingo, o verão não cumpriu suas promessas. Em lugar de sol, nuvens ameaçadoras prometiam chuva para o dia do batismo de nosso filho.

"Nem parece verão", murmurou Davi, entrando no carro para irmos até o lago. Mas, quando todos os membros se reuniram na praia, esquecemo-nos de que o sol abandonara nossa comemoração. Sorrindo com

Robert T. Barrett

orgulho, meu marido conduziu Davi para as águas plácidas.

Fiquei olhando meu marido proferir a oração batismal e suavemente mergulhar nosso filho na água. Também sorri ao ver Davi sair da água para uma nova vida.

Meu filhinho caminhou para a margem, onde recebeu os cumprimentos de seus amigos e deixou que cuidássemos dele, enxugando-o com nossas toalhas. Parecia estar com o pensamento longe. Então ergueu os olhos para encontrar os meus, deu-me um largo sorriso e disse com orgulho: "Finalmente, sou membro da verdadeira igreja!"

Meu coração inchou de tanta felicidade e orgulho.

Depois, como que num sonho, minha mente voltou-se para oito anos atrás, quando o médico nos disse que nosso filho recém-nascido, Davi, não sobreviveria. Senti que estava perdendo a realização de um de meus maiores desejos, mesmo antes de ter oportunidade de segurá-lo em meus braços. Rebelei-me contra a crueldade da situação; nem mesmo meu marido conseguiu minorar meu sofrimento.

Então encontrei uma fonte de esperança. Compreendi que podia pedir ajuda a alguém muito mais poderoso que os médicos. Sabia que Deus, que nos enviara aquele filho, poderia ajudar-nos.

Comecei a passar horas em oração. Pouco a pouco fui sentindo que a vida de nossa família ia mudar. Dois meses e meio mais tarde, os médicos permitiram que levássemos Davi para casa, embora sua saúde ainda fosse precária. José e eu continuávamos a orar, com o sentimento de mudança iminente cada vez mais forte.

Duas semanas depois que o levamos para casa, Davi precisou ser novamente hospitalizado, e os médicos começaram a nos preparar para sua morte. Nesse difícil momento, finalmente passamos pela mudança que estávamos esperando. José mencionara nosso problema a um de seus colegas, que disse conhecer dois jovens missionários que afirmavam ter o poder de curar.

"Se o que eles dizem é verdade, peça-lhes que vão à nossa casa. Precisamos deles", respondeu meu marido.

Dias mais tarde, os missionários foram à nossa casa e passaram a nos apresentar as palestras. Dentro de semanas, José e eu recebemos um testemunho do Livro de Mórmon e do evangelho restaurado, e fomos batizados.

Jamais me esquecerei do momento em que colocamos nosso bebê nas mãos dos irmãos que o ungiram com óleo e lhe deram sua primeira bênção. Desde o instante da bênção, senti, com certeza, que nosso filho estava sob proteção divina, e que nada mais lhe ameaçaria a vida.

Dias após a bênção, levei Davi ao hospital para controle médico. Quando o pediatra examinou a radiografia do bebê, eu soube, por sua expressão de espanto, que meu filho havia sido curado.

— É inacreditável. Seus pulmões estão perfeitos. Não existe nenhum traço da doença... um verdadeiro milagre! — exclamou o médico.

— Sim, um verdadeiro milagre — murmurei, controlando as lágrimas. Daí em diante, Davi cresceu normalmente. Seu testemunho também cresceu, fortalecido pelo conhecimento das circunstâncias de seu nascimento.

Agora, quando olho seu rosto radiante, sinto que o Senhor tem uma tarefa muito especial planejada para meu filho. Davi sempre fala sobre sua futura missão. Mas, por agora, sua decisão de ser batizado em A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias tornou-nos os pais mais felizes do mundo. □

Este artigo foi um dos artigos vencedores no Concurso Europeu de 1987.

A EXPERIÊNCIA MÓRMON

UM ESPÍRITO DE PAZ PENETROU EM MINHA CLASSE

Nadine Doyle

Alguns anos atrás, eu lecionava numa classe de alunos muito difíceis e agitados. Estava transtornada com tantos problemas para ensiná-los, e vivia deprimida, chorando todos os dias depois de sair da escola.

Certo dia, uma senhora que trabalhava comigo disse-me que estava orando para que uma influência de paz penetrasse em minha aula, a fim de que eu conseguisse ensinar. Embora não fosse membro da Igreja, ela conhecia o poder da oração e fora, tenho certeza, levada pelo Espírito Santo a falar-me sobre suas preces, com o intuito de lembrar-me do que eu deveria fazer.

Percebi que estivera tão envolvida com o problema, que me esquecera de pedir ajuda ao Senhor. Daquele dia em diante, ajoelhava-me em oração antes do início da aula, pedindo inspiração. Com o correr do tempo, um espírito de paz penetrou em minha classe, e pude ver que estava fazendo progresso com os alunos. Ainda havia momentos de frustração, mas conseguia lidar melhor com eles.

Seria bom que todos nós seguíssemos o conselho de Paulo a Timóteo: "Que despertes o dom de Deus que existe em ti pela imposição das minhas mãos.

Porque Deus não nos deu o espírito de temor, mas de fortaleza, e de amor, e de moderação." (II Timóteo 1:6-7.)

O Espírito Santo nos influencia de maneira simples, permitindo que grandes coisas sucedam em nossa vida.

• •

ENCONTRAR ALEGRIA NO PLANO DO SALVADOR

Wilma Gardner

Em setembro de 1975, logo depois que as Nações Unidas instituíram a década da mulher, uma repórter entrevistou-me a respeito das mulheres SUD. "Vocês podem portar o sacerdócio?" perguntou. "Você acha que as mulheres mórmons precisam ser liberadas?" Senti-me confusa, desajeitada e insegura a respeito de minhas respostas. Depois que ela se foi,

Lennis Jones

Sentia-me deprimida, chorando todos os dias depois de sair da escola.

Lennis Jones

pensei nas perguntas que me fizera e decidi encontrar as respostas para mim mesma.

Hoje gostaria de poder conversar novamente com aquela repórter. Desejaria dizer-lhe que sei que o evangelho é verdadeiro e falar-lhe sobre a alegria de seguir um plano no qual mulheres e homens têm responsabilidades singulares. Casada ou solteira, rica ou pobre, trabalhando fora ou em casa, a mulher encontra alegria seguindo os mandamentos do Senhor e refinando e embelezando o mundo. Sabendo que isto é verdadeiro, por que deveríamos nós, imprudentemente, procurar seguir os ensinamentos dos homens?

O Presidente Kimball disse: "Afinemos cuidadosamente nossos instrumentos, e cantemos nossas melodias com doçura. Não morramos com nossa música ainda dentro de nós, mas, sim, usemos este precioso tempo mortal para subir, confiante e gloriosamente em direção à vida eterna que Deus, nosso Pai, concede a todos os que guardam seus mandamentos." (*A Woman's Choice*, Salt Lake City: Deseret Book Co., 1984, p. 97.)

Não importa qual seja nossa situação na vida, nós somos canais para trazer beleza ao mundo. Precisamos aprender a cantar nossa própria canção enquanto a vida durar, e não deixar que outros controlem a música de nossa vida ou a encubram com ruídos desagradáveis.

Não precisamos procurar o lugar da mulher; precisamos apenas buscar o Salvador. É ele que nos dará a visão de nosso potencial, ajudando-nos a encontrar a alegria de ser uma mulher virtuosa.

• •

AQUELAS LONGAS HORAS SÃO RECOMPENSADAS

Sharon DeMordaunt

Muitas vezes pensei se as longas horas que passava tentando fazer com que meus filhos fossem reverentes na Igreja, seriam recompensadas. Não era preciso muito para que David, meu filho de sete anos, fizesse com que Jeff, de quatro, e Wade, de um, começassem a rir, a cochichar ou a brigar. Embora todas as semanas fosse para a Igreja com uma idéia nova sobre como fazê-los ser mais reverentes, em geral voltava para casa exausta e desanimada. Muitas vezes zanguei-me e precisei tirar uma das crianças da capela, a fim de não perturbar as outras pessoas.

Mas preocupava-me em como resolver o problema. O fato de estar sempre chamando a atenção de meus filhos fazia com que sentissem que não eram aceitos por nosso Pai Celestial? Decidi que, no próximo domingo de jejum, faria do problema de reverência dos

meus filhos o centro de meus pensamentos e orações.

Naquele domingo, não haviam passado nem cinco minutos, quando senti que deveria tirar David da capela. Mas, como estivera jejuando e orando sobre o problema, proferi uma rápida oração: "Pai", pedi, "ele precisa ser corrigido, mas quero fazê-lo da forma correta. Como devo comportar-me?"

O que senti, foi: "Seja paciente. Ajude-o a se acalmar da melhor forma que puder."

Procurei seguir essa orientação e consegui controlar as coisas melhor do que antes. Então, quase no final da reunião, vi David levantar-se para prestar testemunho.

No momento percebi que, se tivesse cedido ao primeiro impulso, provavelmente ele não teria sentido o Espírito que o levara a prestar testemunho. Aquela experiência foi-me dada por nosso Pai Celestial para mostrar-me que, ao criar meus filhos, devo seguir o Espírito, a fim de ajudá-los a crescer no evangelho e a desenvolver seu próprio testemunho.

Lembro-me dessa experiência, sempre que me sinto tentada a criticá-los ou a duvidar de seus atos. Isso me ajudou a disciplinar as crianças com mais brandura e a lembrar-me do amor nos momentos de zanga. □

"Os Fariseus Interrogam Jesus", de James J. Tissot

LIMPAR O VASO INTERIOR

O PROCESSO DE ARREPENDIMENTO

Larry Tippets

Quando leio as escrituras, sempre penso na poderosa mensagem do Apóstolo Pedro, quando diz: "É tempo que comece o julgamento pela casa de Deus." (I Pedro 4:17.) Em nossos próprios dias, o Senhor afirmou: "Eis que vingança vem depressa sobre os habitantes da terra... E na *minha casa* principiará." (D&C 112:24-25; grifo nosso.) Que tipo de julgamentos o Senhor tem em mente? Por que as escrituras dizem que a limpeza terá início na Igreja, e não entre os iníquos?

As escrituras revelam que o Senhor guardará sua ira e sua condenação mais profundas para aqueles que aparentam ser religiosos, mas que, na verdade, por dentro estão cheios de mal. Falando a líderes religiosos judeus, o Salvador ordenou: "Limpa primeiro o interior do copo... Sois semelhantes aos sepulcros caiados, que por fora realmente parecem formosos, mas interiormente estão cheios de ossos de mortos e de toda a imundícia." (Mateus 23:26-27.) Semelhantemente, o grande líder do Livro de

Mórmon, Morôni, escreveu: "Deus tem dito: Que o interior do vaso deve ser limpado primeiro." (Alma 60:23.)

O Presidente Ezra Taft Benson deixou pouca margem a dúvida de que essas advertências se aplicam a nós. Declarou ele: "Nem tudo vai bem em Sião... Precisamos limpar o vaso interior, começando por nós mesmos, depois nossa família, e finalmente a Igreja." ("Limpar o Vaso Interior", *A Liahona*, julho de 1986, p. 5.)

O Presidente Benson deixou claro que a limpeza interior requer arrependimento: "Meus amados irmãos e irmãs, ao limparmos o vaso interior, haverá mudanças em nossa própria vida, na de nossos familiares e na Igreja. Os orgulhosos não mudam para melhor, mas defendem sua posição, racionalizando-a. Arrependimento significa mudança, e mudar requer que a pessoa seja humilde. Mas nós podemos mudar." ("Limpar o Vaso Interior", *A Liahona*, julho de 1986, p. 5.)

Ele também identificou três áreas específicas que necessitam ser limpas:

1. *Impureza sexual*, que ele chama de "maldito pecado desta geração". O Profeta Joseph Smith chamou-a de "a pior de todas as fontes de tentações, provação e dificuldades". ("Limpar o Vaso Interior", *A Liahona*, julho de 1986, p. 3; *Journal of Discourses*, 8:55.)

2. *Negligência quanto às escrituras*, especialmente o Livro de Mórmon. Tal negligência colocou a Igreja "sob condenação", e fez com que se derramasse "sobre os filhos de Sião um julgamento e praga". (Ver "Limpar o Vaso Interior", *A Liahona*, julho de 1986, p. 4; D&C 84:57-58.)

3. *Orgulho, ou o desejo de alcançar sucesso a qualquer preço*. O Presidente Benson caracteriza-o como "minha vontade", em lugar de "tua vontade". (*A Liahona*, julho de 1986, p. 4.)

Nossa primeira tarefa, ao limparmos o vaso interior, é fazermos uma auto-avaliação honesta. É da natureza humana reconhecer a necessidade de melhoria nos outros, ignorando fraquezas semelhantes ou até mais sérias em si mesmo. Geralmente não enxergamos muitas de nossas próprias fraquezas e, com freqüência, não admitimos nossas falhas de caráter, mesmo quando aqueles que nos amam procuram ajudar-nos a enxergá-las. Talvez o Senhor tivesse este ponto em mente, quando se referiu àqueles que têm olhos mas não vêem, ouvidos, mas não ouvem. (Ver Marcos 8:18.)

Nossas fraquezas, porém, não nos devem desesperar. O Presidente Heber J. Grant escreveu: "Não creio que homem algum viva à altura de seus ideais, mas, se nos estivermos esforçando, se estivermos trabalhando, se estivermos tentando, fazendo o máximo que pudermos, para progredir dia a dia, então estaremos realizando o nosso dever. Se estivermos procurando corrigir nossos defeitos, se estivermos vivendo de maneira tal, que possamos recorrer a Deus pedindo luz, conhecimento, inteligência e, acima de tudo, o seu Espírito, para que possamos sobrepujar fraquezas, então, posso dizer-lhes, estamos no caminho reto e estreito que leva à vida eterna. Então, não precisamos temer." ("Que Classe de Homens Devereis Ser?", Guia de Estudo Pessoal para os Quoruns do Sacerdócio de Melquisedeque 1978/79, p. 143.)

Como podemos limpar nosso "vaso interior"? O Senhor nos deu uma fórmula. Certo dia, numa classe do instituto, falávamos sobre como os alunos poderiam melhorar seu amor próprio, enumerando seus pontos fortes. Um aluno sugeriu que existe uma única maneira de melhorarmos e aumentarmos nosso respeito próprio. Citou Éter 12:27, onde o Senhor diz: "Se os homens vierem a mim, eu lhes mostrarei sua fraqueza. E dou a fraqueza aos homens, a fim de que sejam humildes; e minha graça é suficiente para todos os que se humilham perante mim; pois, se se humilharem e tiverem fé em mim, então farei com que as coisas fracas se tornem fortes entre eles."

Quando avaliamos a nós próprios para encontrarmos as áreas em que devemos arrepender-nos ou melhorar, podemos recorrer a outros em quem confiamos e perguntar-lhes como podemos progredir. Como sugeriu meu aluno, podemos também recorrer ao Senhor em humilde oração e pedir-lhe que revele nossas fraquezas e nos ajude a fazer com que essas fraquezas se tornem em coisas fortes.

Quando o sincero discípulo de Cristo se conscientiza de sua fraqueza, ele traça uma rota em direção ao aperfeiçoamento, como aconselha o Presidente Spencer W. Kimball. (Ver O *Milagre do Perdão*, Bookcraft, 1969, pp. 226-227.) Tal rota, às vezes poderá ser dolorosa e exigir a ajuda de outros. O processo de arrependimento, porém, é essencial para a salvação e vida eterna — e é muito mais fácil do que a limpeza involuntária que o Senhor pedirá em época futura, se não nos arrependermos.

Quando nos arrependemos e melhoramos nossa vida, podemos considerar com maior clareza como

melhorarmos como família e estabelecer metas que purificarão nossos pensamentos e nosso lar, nos levarão a um entendimento maior das escrituras, e eliminarão o orgulho. Podemos então seguir o mesmo processo nos quoruns da Igreja, organizações e classes, a fim de fortalecer nossas alas, estacas e comunidades.

Um meio de estabelecer essas metas poderia ser o de fazer uma lista das áreas, as quais sentimos que precisamos limpar, e estabelecer uma meta em cada uma delas. Abaixo estão alguns exemplos:

O arrependimento é um tema importante nas escrituras. Ele é indispensável, se esperamos vencer os problemas que enfrentamos nestes últimos dias. Precisamos ser moralmente puros, para podermos receber a necessária inspiração do Senhor. Devemos estudar seriamente as escrituras, a fim de lutar contra os ensinamentos mundanos de nosso tempo. E precisamos ser humildes, para podermos sobrepujar o egoísmo.

É confortador saber que temos um profeta vivo, o Presidente Ezra Taft Benson, que pode chamar nossa atenção para os aspectos de nossa vida que necessitamos melhorar.

Sempre apoiei os profetas vivos, em parte porque recebi um testemunho pessoal de que cada um deles é chamado por Deus. Esse testemunho pessoal a respeito do Presidente Benson eu o recebi na manhã de 5 de abril de 1986, um sábado, enquanto assistia com minha família, pela televisão, à primeira sessão da conferência geral. Quando ele terminou seus comentários, pensei: "Certamente o Senhor falou aos santos dos últimos dias. Agora é nossa a responsabilidade de lhe dar ouvidos e obedecer, de limpar o vaso interior!" □

Larry Tippets é instrutor do Instituto de Religião na Cidade do Lago Salgado. Serve como professor de Doutrina do Evangelho na Ala Um de Granite, Estaca Sandy Utah Granite View.

	Indivíduo	*Família*	*Igreja*
IMPUREZA SEXUAL	Purificar meus pensamentos, não lendo histórias impróprias nem assistindo a programas sensuais de TV.	Escolher cuidadosamente os programas de TV e os filmes a que assistimos, evitando os que glorificam a imoralidade.	Fortalecer os jovens do meu quorum de mestres com algumas aulas especiais sobre recato no comportamento, linguagem e roupas.
NEGLIGENCIAR AS ESCRITURAS	Ler as escrituras durante dez a trinta minutos diariamente, antes de ir para a cama ou na hora do almoço, e registrar o que sinto no diário.	Passar uma hora no domingo lendo o Livro de Mórmon com a família.	Elaborar um programa escrito de leitura, para incentivar o estudo das escrituras no quorum.
ORGULHO	Ser mais acessível a sugestões de minha esposa e meus filhos sobre como ser um pai melhor.	Debater com a família maneiras de melhorar nosso jejum e contribuir mais generosamente para ajudar os necessitados.	Procurar ser amigo de nossos novos vizinhos de outra religião, ajudando-os a sentirem-se integrados na vizinhança e atividades sociais da ala.

UMA RESPOSTA À ORAÇÃO

Artel Ricks. Quando eu era pequeno, com mais ou menos cinco ou seis anos, sentado à mesa do jantar com minha família numerosa, ouvi uma conversa sobre o dízimo. Disseram-me que o dízimo é a décima parte de tudo o que ganhamos, e é pago ao Senhor por aqueles que o amam.

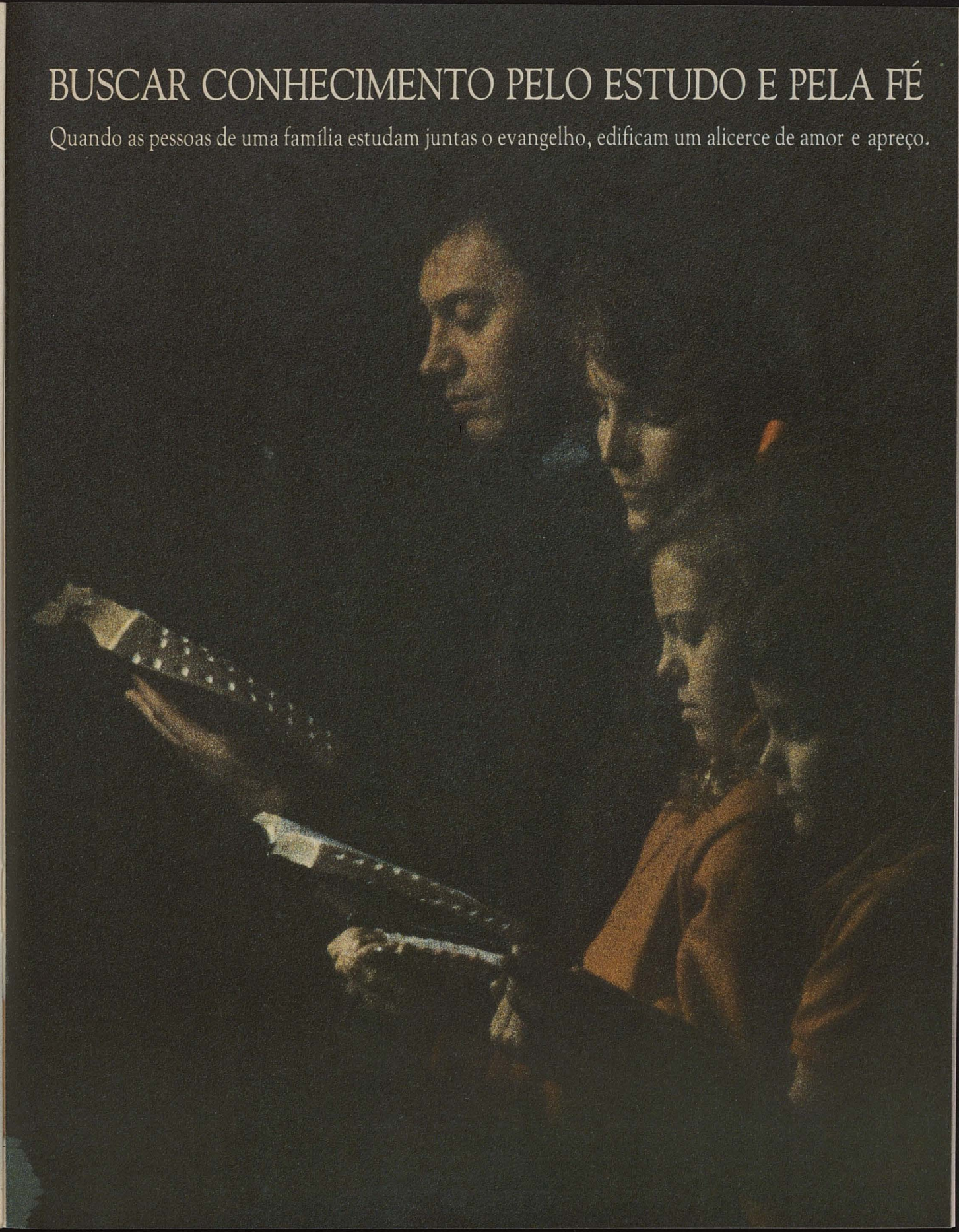
Depois do jantar, peguei um dinheirinho que havia economizado e calculei o que devia ao Senhor. Depois dirigi-me ao único cômodo da casa que tinha chave, o banheiro, e lá ajoelhei-me ao lado da banheira. Segurando as três ou quatro moedas na mão, pedi ao Senhor que as aceitasse, certo de que ele o faria. Lembro-me de suplicar ao Senhor durante algum tempo, mas, quando vi que o dinheiro continuava na minha mão, não poderia ter-me sentido mais rejeitado. O Senhor aceitara o dízimo de meus pais e de todos os meus irmãos mais velhos. Por que não o meu? Quando me levantei, sentia-me tão indigno, que não consegui contar a ninguém o que acontecera. Somente o Senhor soube.

Alguns dias mais tarde, fui à Primária. A professora disse que estava inspirada a falar sobre algo que não estava na lição. Fiquei maravilhado, ouvindo-a ensinar como se paga o dízimo. O que aprendi então foi muito mais importante do que saber como pagar o dízimo. O Senhor ouvira e respondera à minha oração. Aprendi que o Senhor me amava e que eu era importante para ele.

Tão sagrada para mim é a lembrança desse fato, que por mais de trinta anos não consegui contá-lo a ninguém. E mesmo hoje, depois de sessenta anos, ainda me é difícil relatá-lo, sem que me venham lágrimas aos olhos e sem que minha voz trema. É uma pena que aquela maravilhosa professora nunca soubesse que, por meio dela, o Senhor falou a um menininho. □

BUSCAR CONHECIMENTO PELO ESTUDO E PELA FÉ

Quando as pessoas de uma família estudam juntas o evangelho, edificam um alicerce de amor e apreço.



MANUAL PARA FAMÍLIAS

BUSCAR CONHECIMENTO
PELO ESTUDO E PELA FÉ

Os pais SUD reconhecem a grande importância do estudo das escrituras no seio da família. Essa prática não só aumenta o amor e apreço entre os familiares, mas também constrói um alicerce de verdade no qual as crianças poderão apoiar-se durante toda a vida.

Infelizmente, a maioria das crianças nem sempre tem tanto entusiasmo pelo estudo das escrituras, quanto pela televisão e pelas brincadeiras com os amigos. Mas isso pode ser mudado. Com alguma determinação e criatividade, os pais podem fazer com que toda a família se entusiasme com o estudo das escrituras, tornando-o um hábito na vida de cada um.

Parte da preparação inclui estudarmos pessoalmente as escrituras. O melhor mestre sempre foi o exemplo, e os pais que estudam o evangelho regularmente, têm o poder do exemplo para fortalecer seus conselhos. Naturalmente, encontrar tempo para o estudo regular do evangelho pode constituir um desafio. Às vezes, é necessário uma mudança na escolha de atividades, como o tempo gasto em frente à televisão, o número de atividades na igreja, na escola ou na comunidade das quais participamos. Poderá até significar uma grande mudança na rotina familiar, incluindo levantar-se mais cedo.

Seja o que for que precisemos fazer para encaixar o estudo do evangelho em nossa vida, as recompensas valerão o esforço. A luz que nos permeará se refletirá na vida de nossos filhos.

Quatro Chaves para o Estudo do Evangelho em Família

1. Determinação. Quando nos comprometemos a fazer alguma coisa, nosso desejo de ser bem sucedidos torna a tarefa mais fácil, seja ao fazermos ginástica para perder peso, completarmos nossos cursos, ou estudarmos regularmente o evangelho. Troque idéias com sua família sobre como estudar as escrituras. Depois, quando tiverem concordado a respeito de um plano, esforce-se para que cada um se comprometa a segui-lo. Até conseguir esse compromisso de cada um, seus esforços não terão pleno sucesso.

2. Consistência. Praticamente qualquer atividade bem planejada, realizada regularmente, é mais eficaz do que uma realizada de vez em quando, sem qualquer preparação. Ter um horário fixo incentiva o estudo e nos deixa livres para aprender com um mínimo de interrupções. As pessoas da família precisam decidir qual o melhor horário, e depois obedecer a ele.

3. Individualidade. O Élder Howard W. Hunter disse: "A família é muito abençoada quando pais sábios reúnem os filhos para, após lerem juntos trechos das escrituras, discutirem livremente as belas histórias e pensamentos, *segundo a compreensão de todos*." ("Ler as Escrituras", *A Liahona*, março de 1980, p. 94. Grifo nosso.) Uma vez que não há duas famílias que ajam da mesma forma diante de uma mesma situação, não existe um método de estudo do evangelho que se adapte a todas elas. Mas, através de oração fervorosa e sincera, e conversando todos juntos, cada família pode decidir a maneira mais conveniente de estudar as escrituras.

Uma família, com filhos de várias idades, tentou estudar durante e após o jantar, antes de irem para a cama, e nos fins-de-semana — tudo isso sem grande sucesso. Finalmente, encontraram sua resposta, fazendo o desjejum uma hora antes de saírem para o trabalho ou para a escola. Isto lhes permitiu participar juntos de uma refeição nutritiva e estudar os princípios do evangelho todos os dias. "Somos uma família mais feliz agora", diz a mãe com gratidão. "Temos mais tempo para conversar de modo significativo, e o estudo familiar do evangelho ajudou-nos a compreendê-lo e vivê-lo melhor."

4. Variedade. É essencial manter o interesse e atenção das pessoas da família. Quando as crianças pequenas estão aprendendo uma coisa nova, lembram-se melhor do que *fazem* (como desenhar, contar uma história), seguido do que *vêem* (gravuras, filmes), e depois do que *ouvem* (leitura, gravação). Uma lição sobre o nascimento de Cristo, portanto, será melhor lembrada pelas crianças pequenas se elas representarem a cena, acrescida da leitura das escrituras.

Formas de Estudar

1. Ler em voz alta. As crianças podem aprender a amar as escrituras, ouvindo os pais lerem-nas para elas. Arthur Henry King, um professor aposentado de inglês, da Universidade Brigham Young, e atualmente presidente do Templo de Londres, diz: "A coisa mais

importante que podemos ler para nossos filhos são as escrituras... As vozes que ouvimos quando somos pequenos, não nos abandonam; portanto, os pais devem ler as escrituras para seus filhos, começando o mais cedo possível. A criança que ouve as escrituras pelas vozes amadas do pai e da mãe, através desse amor, conseguirão entendê-las e apreciá-las da melhor maneira... Através da voz dos pais, as crianças podem... familiarizar-se com a voz do Senhor." (*The Abundance of the Heart*, Salt Lake City: Bookcraft, 1986, pp. 221-222.)

Podemos preferir ler as escrituras livro por livro, ou estudá-las lendo a respeito de diferentes tópicos. Ou, enquanto as crianças ainda são pequenas, podemos ler e reler seus trechos prediletos, conferindo aquela "voz amada" à linguagem das escrituras. Quanto mais utilizarmos esta prática, mais familiar a linguagem das escrituras se tornará para nossos filhos, e mais perto eles irão sentir-se delas.

2. *Memorizar.* Além de ler em voz alta, outro método tradicional de estudar é memorizar versículos. As crianças pequenas podem decorar passagens simples, e sentirão uma grande satisfação ao fazê-lo.

3. *Ilustrar.* Quando estiver lendo em voz alta com a família, explique as palavras mais importantes e cite outras escrituras que contêm as mesmas palavras (consulte o índice). Procure também mostrar mapas com a localização geográfica dos lugares citados. Familiarizando-se com esses auxílios, as crianças entenderão melhor o que é lido, e as escrituras tornar-se-ão uma parte significativa de sua vida.

4. *Gravar.* Quando possível, os pais devem gravar histórias relacionadas ao evangelho para as crianças ouvirem. Este método é especialmente útil no caso de pais muito ocupados que precisam ficar fora de casa muito tempo.

5. *Debater.* Os educadores estão preocupados com o fato de os alunos, atualmente, sentirem dificuldade em expressar seus sentimentos em voz alta. Os debates em família são uma forma excelente de desenvolver essa aptidão, como também de aumentar a compreensão do evangelho. Por exemplo, as famílias podem debater:

— As idéias e conteúdo das lições ensinadas nas aulas da igreja ou seminário.

— Discursos proferidos nas reuniões sacramentais ou conferências.

— Artigos que aparecem em *A Liahona*.

— Poesias, histórias ou livros com temas salutares.

— Eventos correntes relacionados ao evangelho.

6. *Relatar.* Dê aos seus familiares oportunidade de relatarem uns aos outros, de acordo com sua idade e capacidade, o que aprenderam sobre o evangelho. Eis algumas idéias para fazer deste método uma experiência bem sucedida no estudo das escrituras:

— Peça a seus filhos que ajudem a dar a aula na noite familiar.

— Solicite a uma pessoa de sua família que prepare um discursinho sobre um assunto do evangelho.

— Designe um membro da família para escolher sua história predileta das escrituras ou da história da Igreja, relatando-a com suas próprias palavras aos demais.

— Se seus familiares dão aulas na Igreja, incentive-os a treinarem como dar essas aulas ou como fazer seus discursos, apresentando-os à família.

7. *Planejar uma atividade de estudo familiar.* Eis algumas sugestões para atividades familiares:

— Solicite a seus familiares que escrevam histórias ou poesias sobre temas do evangelho, e coloque-os num livro familiar.

— Organize jogos com perguntas e palavras, usando pessoas, eventos e princípios das obras-padrão.

— Inicie uma galeria de arte familiar, com desenhos ou modelos de argila ou papel, retratando histórias das escrituras, eventos históricos ou princípios do evangelho sendo postos em prática.

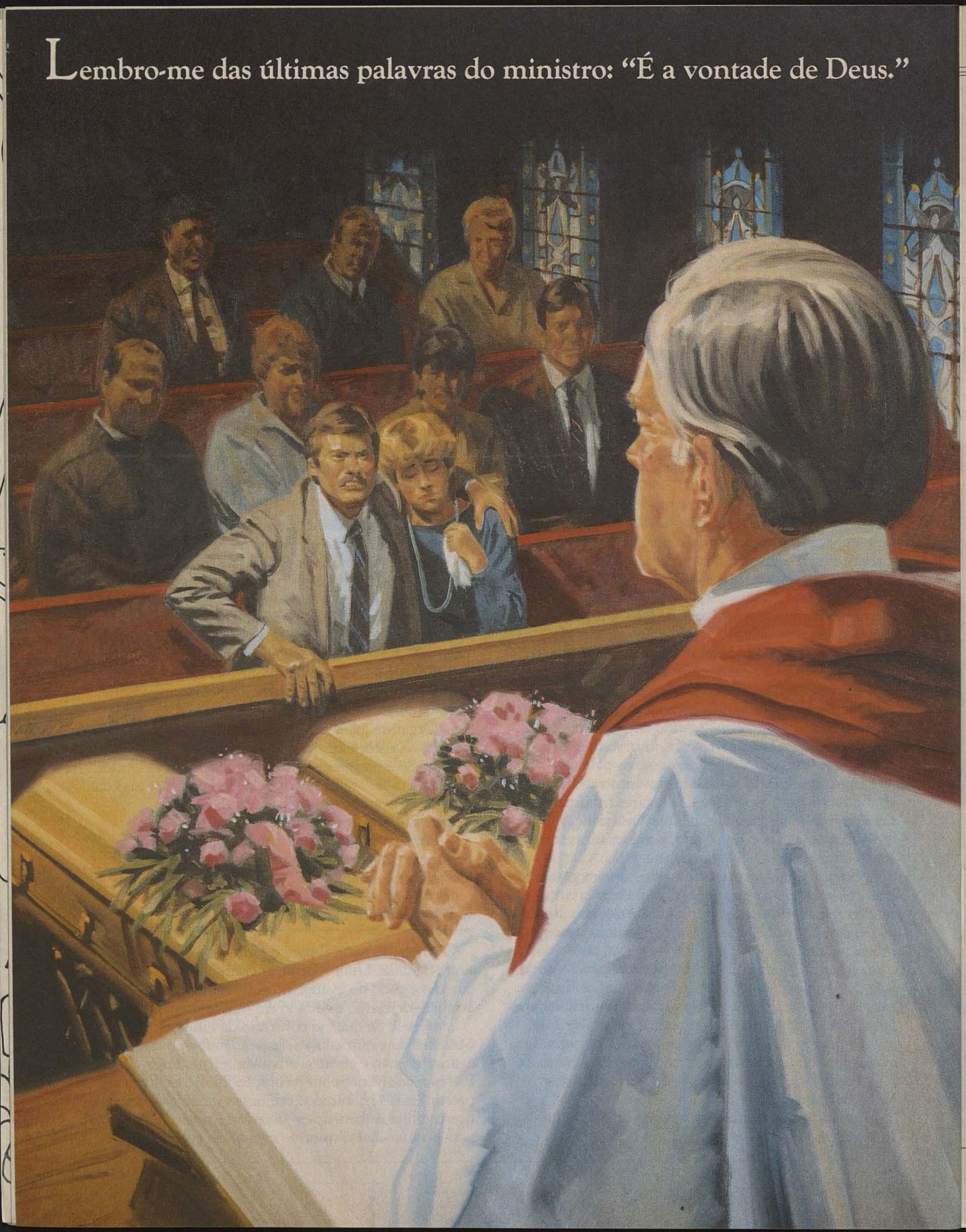
— Prepare um programa familiar com hinos, escrituras e histórias, para ser apresentado a pessoas idosas ou não-membros.

O Uso da Noite Familiar

O ambiente natural para o estudo do evangelho é a noite familiar. Uma vez que as crianças percebam como o estudo do evangelho pode ser agradável, também desejarão estudá-lo em outros momentos.

Lembre-se de que, ao contrário da Física, Matemática e outras matérias acadêmicas, o estudo do evangelho não é eficaz se envolver apenas fatos. Precisamos ensinar com o coração. Nosso espírito precisa estar sintonizado com nosso intelecto, para que nossos filhos se beneficiem do esforço que fizermos para ensinar-lhes o valor do estudo do evangelho. □

Lembro-me das últimas palavras do ministro: "É a vontade de Deus."



Paul Mann

"PAI, ONDE ESTÁS?"

Jerry Pruyne segundo relato a Hermine B. Horman

Vocês possuem uma cadeira favorita ou um lugar especial para o qual voltam sempre que desejam escapar do mundo? Pois eu tenho. É uma velha cadeira de balanço que parece levar-me aonde quer que deseje ir. Quando me sento nela, tenho a sensação de liberdade da infância, do crescimento da maturidade, de respostas a frustrações presentes e futuras.

Gosto do tempo que passo na minha cadeira. Numa noite fria, enquanto observava o gelo a formar-se na minha janela, meus pensamentos voltaram a certa ocasião, muito tempo atrás.

— David! Boyd! Venham para casa! Está na hora de comer!

Nenhuma resposta. Minha mulher pediu-me que ajudasse a encontrá-los.

— David! Boyd! Parem de brincar! Onde vocês estão?

A ansiedade em nossas vozes crescia a cada chamado sem resposta. David e Boyd, de três e quatro anos de idade, estavam brincando no quintal de nossa casa, na Avenida Seis, perto do rio, em Manister, Michigan. Fazia apenas uns dez minutos que não os via, quando desapareceram. Procuramos durante uma hora, sem qualquer resultado. Então começamos a entrar em pânico. Decidimos que era melhor telefonar à polícia.

Dentro de trinta minutos, um grupo de policiais, bombeiros, escoteiros e amigos davam busca na área. Mais ou menos às quatro da tarde, um policial decidiu: "É melhor chamar a polícia estadual e pedir-lhes que mandem Saber, o pastor alemão."

Saber chegou, puxando fortemente a correia que o segurava. Correu para cima, no quarto dos meninos, e pulou na cama deles. O treinador esfregou as roupas dos meninos no focinho do cachorro.

— Tirem a correia! — ordenou o treinador, e o cão desceu correndo as escadas. — Vá encontrá-los, Saber! — gritou, enquanto o cachorro saía pela porta.

Saber farejou a casa e o quintal antes de atravessar correndo a rua, em direção a um pequeno bosque, de onde fez uma curva fechada em direção ao sul.

— Oh, não! O rio não! — gritei, correndo atrás do cachorro que latia. Ele não parou até chegar à margem do rio, onde nós dois notamos quatro pequenas pegadas que seguiam uns trinta metros gelo afora. A evidência silenciosa estava ali. Havia um grande buraco no gelo, e a água fria, escura, fluía por baixo dele.

Afogados? Mortos? Meus dois inocentes meninos? Esses pensamentos encheram minha mente e deixaram-me sem fala. Virei-me para evitar a terrível cena e corri ao encontro de meu irmão e meu pai. "Oh, como odeio Deus!" gritei, afastando-me correndo da cena horrível.

Por quanto tempo corri, não sei. Sei que, quando finalmente caí de exaustão havia coberto uns trinta quilômetros e me encontrava na casa de um velho amigo que fora muito bom para mim anos atrás. Mas naquele dia não encontrei ali consolo algum.

Na manhã seguinte, voltei ao rio. Os mergulhadores da polícia estadual realizavam seu triste trabalho. Cada minuto era mais doloroso que o anterior, enquanto observava os homens em trajes de borracha, a dar buscas nas águas frias e escuras.

Após três horas de busca, um deles, finalmente, gritou: "Encontrei o primeiro!"

Não um menininho, não uma criança, mas um número. Não minha própria carne e sangue, macia e quente, mas um corpinho duro foi levantado até o barco de buscas. Uma estátua gelada, com a mão direita estendida e os dedos fechados. Era David, e seu corpo gelado contava a tragédia. Boyd, o mais aventureiro dos dois, havia ido primeiro e rompido o gelo. David o seguira e tentara alcançá-lo, para trazê-lo

Paul Mann

de volta. Ambos afundaram, e a morte fora rápida nas águas geladas.

Alguns terríveis minutos mais tarde, ouvimos o segundo grito: "Encontramos o segundo!"

O sofrimento dominou-me. Os dias que se seguiram mais pareciam um sonho. Eu entrava e saía da realidade, enquanto eram tomadas as providências para o sepultamento. Lembro-me pouco do que foi dito durante os serviços religiosos, com exceção das palavras finais do ministro: "É a vontade de Deus. Não podemos entender."

Eu precisava entender! Essas palavras não me confortaram. Um Deus que matava crianças inocentes não era meu amigo agora nem nunca, e foi isso que eu disse ao pastor.

As tragédias geralmente fortalecem o casamento, mas não o meu. Fiquei tão cheio de amargura, que qualquer tipo de relacionamento se tornou impossível. Minha mulher e eu nos divorciamos. Afastava as pessoas de mim onde quer que estivesse. Minha ira penetrava em todos os aspectos de minha vida.

Depois de forçar um motorista que fizera uma curva ilegal na minha frente a sair da estrada, surrei-o. Ataquei um esquiador de dois metros de altura, cujos esquis haviam-me cutucado as costelas, enquanto esperava para tomar um avião. Queixas legais contra meu comportamento se avolumaram, assumi como minhas dívidas para evitar ser condenado. Minha vida encheu-se de raiva e violência.

Escolhi os meios comuns de fuga, mas a dor permanecia. Chorava toda vez que me lembrava daquela cena horrível. Continuei a culpar Deus por arruinar minha vida e minha chance de felicidade. Seguiram-se anos de total frustração, e embora tivesse casado de novo e mudado para outro lugar, não encontrava paz.

Certa noite, ao voltar do trabalho, vi dois jovens à minha porta. Apresentaram-se como missionários de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos do Últimos Dias. Gritei com eles, agarrei um pela nuca e ordenei-lhes que saíssem de minha propriedade, ameaçando-os: "E que eu não os veja nestas redondezas novamente, ou vocês vão-se arrepender!" Eles foram embora rapidamente.

O incidente, típico na minha vida, naquela época, foi logo esquecido. Na semana seguinte, quando minha mulher e eu nos íamos sentar para jantar, tocou a campainha. Abri a porta, e, para minha surpresa, lá estavam os mesmos dois jovens que eu expulsara de minha casa uma semana antes! Antes que eu pudesse pronunciar palavra, um deles olhou-me diretamente nos olhos e disse, com muita sinceridade: "Sei que o senhor não deseja ouvir o que temos para dizer, mas é uma mensagem muito importante para o senhor, de nosso Salvador, Jesus Cristo. Ele deseja que a ouça."

O tom confiante, embora humilde, de sua voz, tomou-me de surpresa e eu ouvi. Depois eles me ouviram expressar minha raiva e amargor. Pareceram compreender. Falaram-me sobre o "livre-arbítrio". Meu coração respondeu. E assim começou minha busca da verdade.

Esperava ansioso as visitas semanais. Minha alma tinha fome das respostas às perguntas: Quem sou eu? De onde vim? Por que estou aqui? E, depois da morte, o que acontece? Os missionários ajudaram a abrir os olhos de meu entendimento, através das escrituras. Meu coração saudoso e dolorido começou a melhorar.

Eles responderam às perguntas não respondidas antes. Comecei a compreender que, embora meus dois filhinhos tivessem morrido tão cedo, haviam tido o privilégio de uma vida terrena e escolheram vir para cá. Não eram vítimas de um Deus vingativo que, impiedosamente, permitira que se afogassem, mas faziam parte de um grande plano muito antes de se tornarem meu David e meu Boyd. Esta vida era simplesmente mais um passo no seu progresso eterno. A magnitude dessa idéia exerceu um grande impacto sobre mim.

Hoje ainda choro quando penso em meus filhos. Mas não são lágrimas de raiva ou ódio. São lágrimas de amor e compreensão. O novo conhecimento do plano de salvação transformou minha vida, e uni-me às fileiras dos que crêem. □

Harry Anderson

Harry Anderson

JOSEPH SMITH FALA SOBRE A RESSURREIÇÃO

Deus manifestou claramente a Enoque a redenção que havia preparado, mediante o sacrifício do Messias como o Cordeiro imolado desde os primórdios do mundo; e que, em virtude disso, se concretiza a gloriosa ressurreição do Salvador e de toda a família humana, ou seja, uma ressurreição corporal. (*Ensinamentos do Profeta Joseph Smith*, p. 82.)

Todas as vossas perdas vos serão restituídas na ressurreição, se permanecerdes fiéis. Por meio da visão do Senhor Todo-Poderoso, vislumbrei que assim acontecerá.

Para mim, pensar na aniquilação total do corpo e do espírito é mais angustioso que a morte. Se não tivesse a esperança de voltar a ver meu pai, mãe, irmãos, irmãs e amigos, meu coração se partiria no mesmo instante, e eu desceria à sepultura.

A esperança de ver meus amigos na manhã da ressurreição dá ânimo à minha alma, permite-me suportar as tribulações da vida. É como se eles houvessem empreendido uma longa viagem, e, ao voltar, os recebêssemos com grande alegria.

Deus manifestou seu Filho desde os céus, e a doutrina da ressurreição também; e sabemos que aqueles que sepultamos aqui, Deus tornará a levantar, revestidos e vivificados pelo seu Grande Espírito; de que valerá que nós os sepultemos, ou que nos sepultem com eles, se não pudermos tê-los conosco por mais tempo? Deixemos que estas verdades se aprofundem em nossos corações, para que, ainda aqui, comecemos a desfrutar daquilo que lá existirá em toda a plenitude. (*Ensinamentos*, pp. 287-288.) □

MENSAGEM DAS PROFESSORAS VISITANTES

"A CARIDADE NÃO TRATA COM LEVIANDADE, NÃO SE ENSOBERBECE"

Objetivo: Procurar a retidão sem sentir orgulho.

Soberba é chamarmos orgulhosamente atenção para nossas posses, realizações, amizades ou retidão. Para ilustrar esta falta, o Salvador contou a parábola do fariseu e do publicano:

"O fariseu, estando em pé (no templo), orava consigo desta maneira: Ó Deus, graças te dou, porque não sou como os demais homens, roubadores, injustos e adúlteros; nem ainda como este publicano.

Jejuo duas vezes na semana, e dou os dízimos de tudo quanto possuo.

O publicano, porém, estando em pé, de longe, nem ainda queria levantar os olhos ao céu, mas batia no peito, dizendo: Ó Deus, tem misericórdia de mim, pecador!" (Lucas 18:10-13.)

Jesus explicou que não era o fariseu que estava justificado, mas o publicano, acrescentando que: "Qualquer que a si mesmo se exalta será humilhado, e qualquer que a si mesmo se humilha será exaltado." (Lucas 18:14.)

O fariseu cometeu dois sérios erros: gabou-se de si mesmo e colocou-se no lugar de Deus, como juiz de sua retidão. Somente Deus pode chamar-nos de justos.

Uma das mais sérias formas de soberba é o pecado do orgulho. O Presidente Ezra Taft Benson diz que: "Orgulho é, essencialmente, encarar a vida com atitude de "minha vontade" em lugar de "tua vontade". O oposto do orgulho é humildade, mansuetude, submissão (ver Alma 13:28), isto é, docilidade... O orgulho é acompanhado de muitas maldições. A humildade traz numerosas bênçãos." ("Limpar o Vaso Interior", *A Liahona*, julho de 1986, pp. 4-5.)

Podemos "ensoberbecer-nos" de outras formas. Se interrompemos alguém ou cochichamos durante uma reunião, aula ou apresentação, demonstramos desrespeito pelo que os outros estão dizendo ou fazendo. Se chegamos atrasadas a um compromisso, mostramos que consideramos nosso tempo ou outras atividades mais importantes do que aquele compromisso.

Também nos "ensoberbecemos", quando aceitamos reconhecimento por algo que não fizemos. Algumas pessoas culpam a Deus, quando as coisas vão mal em sua vida, e se atribuem crédito, quando as coisas vão bem, ignorando o fato de que seus talentos, habilidades e bens materiais são dons de Deus.

As escrituras afirmam que "em nada ofende o homem a Deus, ou contra ninguém está acesa a sua ira, a não ser contra os que não confessam a sua mão em todas as coisas". (D&C 59:21.) A verdadeira humildade existe, quando admitimos nossa dependência dele em todos os atos — na verdade, em cada alento.

Tal humildade encoraja-nos a seguir o exemplo de amor e serviço ao próximo, dado pelo Salvador. O Presidente Spencer W. Kimball exemplificou esta filosofia. Logo após ser apoiado como presidente da Igreja, em abril de 1974, ele compareceu a um jantar de família. Notando um guarda de segurança dentro de um carro estacionado em frente à casa, o Presidente Kimball fez um prato e o levou para o homem. Apesar de sua programação intensa, o Presidente Kimball não se considerava demasiadamente importante para servir os outros; pelo contrário, ele considerava sua nova posição como uma *oportunidade* de servir.

À medida que reconhecemos o amor de Deus a nós, nossa dependência dele, que sentimos gratidão pelas bênçãos que ele nos dá, e nos concentramos em servir ao próximo, aprendemos a ter caridade, a qual, segundo o Apóstolo Paulo, "não trata com leviandade, não se ensoberbece". (I Coríntios 13:4; ver também Morôni 7:45.) Então desejaremos fazer como Amon, quando disse: "Não me vangloriarei de mim mesmo, mas me gloriarei em meu Deus, pois que, com sua força, tudo posso fazer." (Alma 26:12.)

Com essa força, podemos fazer muito para ajudar na realização da missão da Igreja — trazer almas a Cristo — através da proclamação do evangelho, aperfeiçoamento dos santos e redenção dos mortos. □

SUGESTÕES PARA AS PROFESSORAS VISITANTES:

1. Debater como podemos "confessar a mão do Senhor em todas as coisas".
2. Conversar sobre como você ou a irmã visitada aprendeu a concentrar-se nas necessidades alheias.

(Ver matéria relacionada no Livro de Recursos para a Noite Familiar, *pp. 23-26, 48-51, 58, 98-101, 106-108, 196-197, 242-244.)*

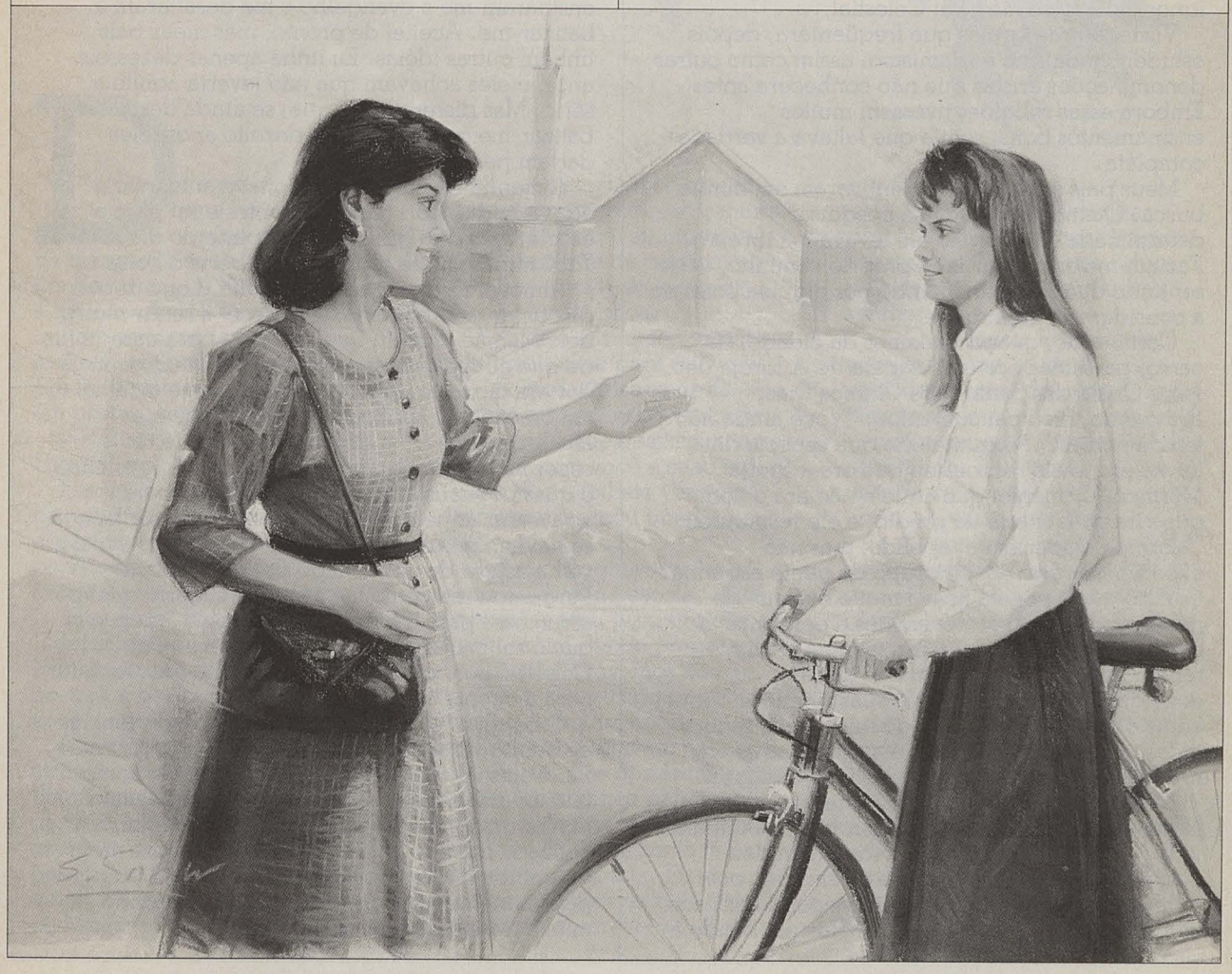
Scott Snow

O FIM DE MINHA BUSCA

Carole Sayers Fullwood

Como minha mãe e meu pai pertenciam a igrejas diferentes, eles haviam decidido que, quando se casassem, os filhos não seriam forçados a ir a esta ou àquela igreja. Seriam mandados à igreja mais próxima, podendo decidir sozinhos a questão religiosa, depois de conhecer as opções existentes. No início de minha adolescência, já havia freqüentado quatro igrejas diferentes, e, ocasionalmente, ia com meus parentes à igreja deles, quando estavam de visita à nossa casa.

Mas a mãe de uma amiga minha faleceu quando eu tinha quatorze anos, e comecei a pensar a respeito de nossa existência aqui na terra. Pensei no tempo em que freqüentara igrejas, e decidi usar todo o conhecimento que possuía para procurar a verdadeira igreja na terra — se é que existia uma.



Scott Snow

Não podia acreditar que um Deus desejoso de manter-me na ignorância fosse meu Pai Celestial.

Voltei à igreja que costumava freqüentar, e gostava das reuniões, mas toda vez que fazia perguntas, respondiam-me que não necessitávamos daquelas respostas — bastava ir à igreja. Para mim, se existia um Deus, um Pai amoroso, eu o imaginava muito semelhante ao meu pai terreno: alguém que desejava ver-me crescer e buscar a verdade. Não conseguia acreditar que Deus desejoso de manter-me na ignorância fosse meu Pai Celestial.

Visitei outras igrejas que freqüentara, depois estudei o judaísmo e islamismo, assim como outras denominações cristãs que não conhecera antes. Embora essas religiões tivessem muitos ensinamentos bons, sentia que faltava a verdade completa.

Meus pais sempre me incentivaram em minha busca. Quando começava a pesquisar determinada fé, eles não me levavam à igreja. Faziam-me encontrar meu próprio caminho, sentindo que somente lutando por alguma coisa eu a consideraria importante.

Certa tarde, quando saíamos da cidade, de carro, passamos por uma capela de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Brincando, meu pai comentou: "Você ainda não tentou essa aí." Perguntei-lhe que espécie de igreja era, e ele respondeu que era a Igreja Mórmon. Comentei que aquele não era o nome que vira na fachada do prédio, e ele respondeu: "Mórmon é apenas um apelido; mas não experimente essa. É um grupo de gente estranha."

Visto que a capela ficava muito distante de nossa casa, decidi escrever-lhes e perguntar a respeito de suas crenças. Na semana seguinte, recebi uma carta do presidente do ramo, convidando-me a freqüentar suas reuniões. Fiquei entusiasmada e nervosa, algo que nunca sentira antes, ao pesquisar uma igreja. Decidi que era hora de perguntar ao Pai Celestial o que fazer.

Não sabia bem o que dizer, uma vez que o Pai Nosso era a única oração que proferira em minha vida. Quando terminei uma oração simples pedindo ao Pai que mostrasse o caminho, ouvi minha mãe chamar-me. Desci e deparei com dois homens sentados em nossa sala. Haviam batido à nossa porta, para perguntar se gostaríamos de saber mais a respeito de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Minha mãe perguntou-lhes se haviam vindo em resposta à minha carta, mas eles responderam que nunca tinham ouvido falar de mim.

Sentei-me em silêncio, enquanto os três conversavam, e, pela primeira vez em minha vida, tudo o que minha mãe dissera pareceu-me confuso. Entretanto, aqueles dois homens tornavam todas as coisas claras. Naquela noite, agradeci ao Senhor por enviar-me a verdade.

No domingo seguinte, peguei minha bicicleta e saí em busca da capela SUD. Cheguei lá, mas sentia-me muito nervosa para entrar sozinha. Esperei até aparecer alguém, e perguntei se poderia entrar com eles. Uma vez dentro da Igreja, tive uma sensação maravilhosa. Os missionários logo me viram.

Nas semanas seguintes, os missionários ensinaram-me o evangelho e me desafiaram a batizar-me. Aceitei de pronto, mas meus pais tinham outras idéias. Eu tinha apenas dezesseis anos, e eles achavam que não levaria aquilo a sério. Mas disseram-me que, se ainda desejasse batizar-me quando tivesse dezoito anos, eles dariam permissão.

A manhã de meu décimo oitavo aniversário estava linda. Abri meus presentes e saí para a escola, sabendo que a melhor parte do dia seria às 7h30 min da noite, quando receberia o batismo.

Almocei fora com minha família. Logo depois de comer, senti-me mal e comecei a sentir muita dor. Mamãe sugeriu que fôssemos para casa, a fim de que eu me deitasse. Não conseguia dormir. A dor era tão forte, que saí da cama e me ajoelhei em oração. Ao suplicar ao Senhor que me aliviasse a dor a fim de poder receber o tão esperado batismo, uma grande escuridão encheu o quarto. Assustada, clamei por ajuda para atravessar aquele terror. Quando abri os olhos, já se haviam passado três horas, e minha irmã mais velha estava de pé, ao lado de minha cama. Perguntou-me como me sentia, e sugeriu que me arrumasse para o batismo. Olhei pela janela e vi que o sol brilhava lá fora. Agradeci ao Pai Celestial por ter respondido à minha oração, e fui para a capela com minha família.

O batismo foi uma das mais belas experiências de minha vida. Renovei a promessa que fizera ao Pai Celestial, dois anos antes, de servi-lo como missionária. Após o batismo, comecei a levar minha irmã mais nova para a Igreja. Ela foi batizada quando voltei da missão. Embora meus pais ainda não sejam membros da Igreja, sou grata pela maneira como me criaram, despertando em mim o desejo de procurar a verdade. □

MOMENTOS

Laird Roberts

Descemos uma rua que levava a um grupo de chalés, na margem do Rio St. Croix. Era fim do outono, o dia estava claro e quente. As folhas das árvores tinham-se tornado de um amarelo brilhante e dourado. Era meu primeiro dia batendo em portas, como missionário.

— Sua porta — disse o Élder Higgins, sorrindo.

Era um pequeno chalé à beira da água. Havia equipamentos de esportes aquáticos encostados na parede da casa. Limpei a garganta e bati com firmeza.

"Sou Élder Roberts, e este é Élder Higgins. Temos uma mensagem sobre o Salvador que gostaríamos de deixar com você", ensaiei.

A porta de madeira se abriu e, atrás da porta de tela, apareceu uma jovem muito bonita, entre dezessete e vinte anos, de olhos azuis, longos cabelos loiros usando maiô. As palavras, cuidadosamente ensaiadas que eu repetira milhares de vezes no avião, na casa da missão, em nosso apartamento e no caminho até aquele chalé, sumiram-me completamente da cabeça.

— Ah — foi tudo o que saiu, quando abri a boca.

O Élder Higgins sorriu para mim e voltou-se para a jovem.

— Somos ministros nesta área, e temos uma mensagem sobre Jesus Cristo que gostaríamos de partilhar com você e sua família. — Deu-lhe o folheto *Cristo na América* e marcou um dia para voltar.

O Élder Higgins estudara teatro musical na escola, antes da missão. Meu primeiro dia na área fora um dia de preparação, e enquanto lavávamos nossas roupas, o Élder Higgins cantou canções populares para as mulheres que estavam na lavanderia. Elas gostaram muito, e ele marcou cinco palestras, enquanto nossas roupas estavam secando. Às vezes cantava para as pessoas, na porta. Eu era um pouco mais reservado — *tímido* e *medroso* descrevem melhor meus sentimentos.

— Cuidarei das próximas portas — disse o Élder Higgins secamente. Marcou mais duas palestras e cantou para outra mulher.

— Quer tentar novamente? — perguntou-me, quando nos aproximávamos de um grupo de casas próximas a uma igreja.

Bati numa porta e me afastei, esperando. Um homem alto, usando colarinho de clérigo, abriu-a e sorriu para nós.

— O que posso fazer por vocês, rapazes? — perguntou com um sotaque britânico muito correto. Obviamente sabia quem nós éramos.

Dei uma olhada na caixa do correio, engoli em seco e dei um passo atrás. A caixa indicava a identidade do homem: "Reverendo Richard Cutts, Ph. D." *

O que eu poderia dizer a esse homem? Como poderia contestar as coisas nas quais ele acreditava? Murmurei uma rápida oração. Vi que o Élder

"PREPARAR UM CAMINHO"

Carolyn Schneider

"Não é justo — resmunguei para ninguém em particular, mas minha amiga Maria ouviu-me."

— O que não é justo? — perguntou.

Caminhando de volta da escola, tentei explicar. Comecei dizendo que sempre gostara de fazer o tipo de coisas que os meninos faziam, e que nunca aprenderia a ser uma "senhorita", embora fosse a mais velha de quatro filhos. Detestava lavar louça, e detestava discutir com minha mãe.

Chutei uma pedra, aborrecida, porque minha vida familiar me parecia difícil, às vezes.

— Não é só isso — reclamei — meus pais nem mesmo moram sob o mesmo teto.

Maria, que há pouco tempo começara a falar-me sobre sua igreja, ficou em silêncio por um momento. Mais tarde contou-me que, naquela época, estava em dúvida se devia travar amizade com pessoas cujos lares eram diferentes do seu. Contudo, logo tomou uma decisão.

Depois de andarmos mais um pouco, decidiu usar uma escritura, ao invés de tentar explicar-me o que estava errado em minha atitude. Citou as palavras de Néfi:

"E eu, Néfi, disse a meu pai: eu irei e cumprirei as ordens do Senhor, pois sei que o Senhor nunca dá ordens aos filhos dos homens sem antes preparar um caminho pelo qual suas ordens poderão ser cumpridas." (1 Néfi 3:7.)

A citação de uma escritura da sua igreja era coisa nova para mim, pois nunca lera o Livro de Mórmon, embora me tivesse desafiado a fazê-lo. Maria sabia que eu aprendera os Dez Mandamentos e que estava familiarizada com a ordem de honrar os pais. Disse-me que poderia obedecer aos mandamentos, porque o Senhor me ajudaria, e que poderia resolver meus problemas, confiando em que o Senhor prepararia um caminho para mim.

Hoje, quatro anos mais tarde, tenho um ótimo relacionamento com meus pais. Também sou membro da Igreja. Embora tenha sofrido pressão da família para não me batizar, e meu testemunho ainda fosse pequeno, persisti em minha meta, fortaleci meu testemunho e esperei a permissão de meus pais para batizar-me.

Como agüentei tanto tempo sem desanimar ou desistir? Confiei no Senhor e ele preparou um caminho a fim de que eu obedecesse a seus mandamentos. □

Higgins estava pronto para intervir.

É engraçado quanta coisa pode passar pela nossa mente em alguns segundos. Pensei em minha primeira professora da Primária, contando a história de Moisés e da sarça ardente; meu professor da Escola Dominical, explicando a importância da primeira visão de Joseph Smith; minha tia ensinando a respeito do Sermão da Montanha; e meu tio falando sobre a restauração do sacerdócio, na classe dos diáconos. Cresci numa cidadezinha no sul de Utah. Nenhum de meus professores tinha um Ph.D. depois do nome. Nenhum deles lia grego ou latim como o Reverendo Cutts, muito provavelmente, lia. Mas isso não fazia diferença. O que eles sabiam era mais importante.

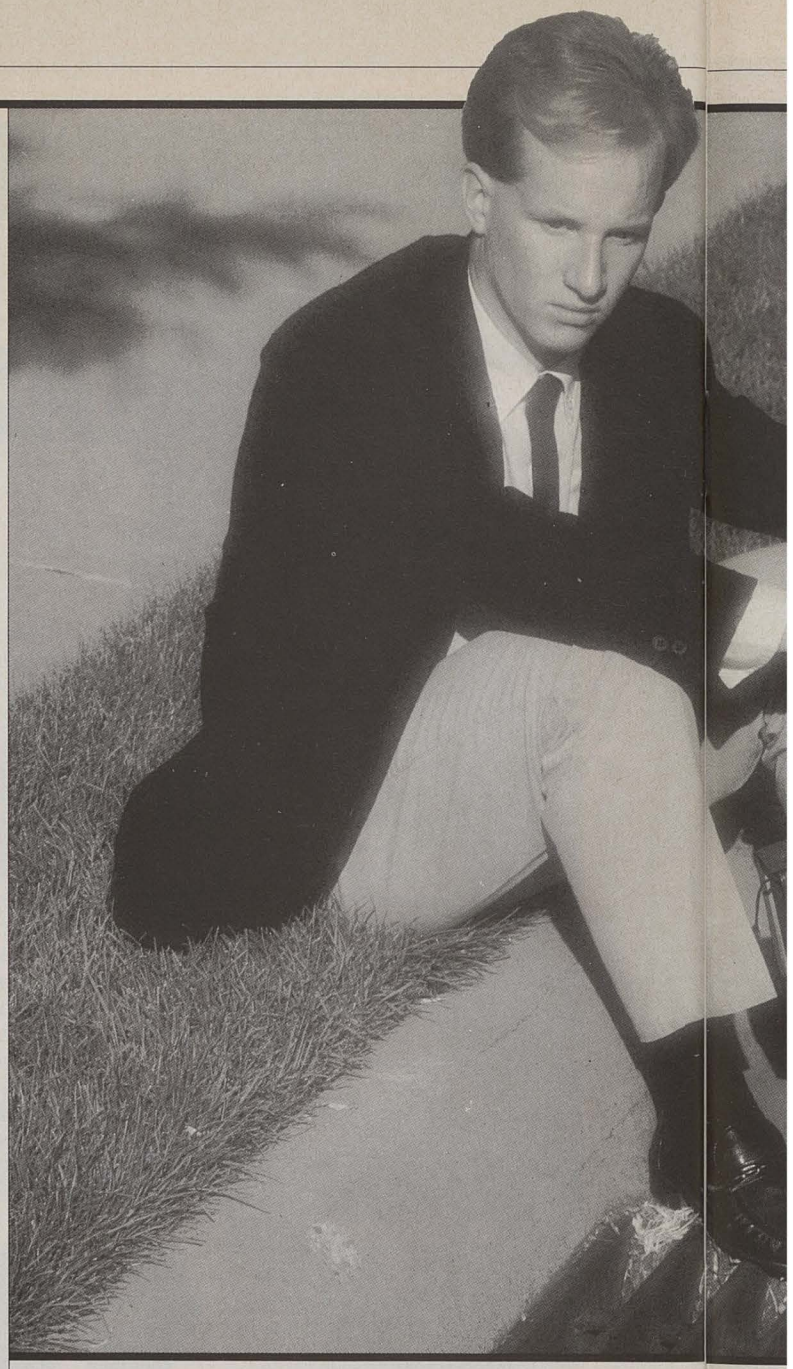
— Sou Élder Roberts — disse, sentindo pela primeira vez a força e a importância do que me fora ensinado, do que estava ali para ensinar. — Este é o Élder Higgins, e gostaríamos de lhe falar sobre o Evangelho de Jesus Cristo.

A expressão do rosto do Reverendo Cutts mudou. Pareceu um pouco surpreso. — Entrem — convidou sorrindo. □

Nota do tradutor
* Ph.D. é título de Doutoramento.

Jerry Thompson

Jerry Thompson



O QUE ESTOU
DE ERRA

Steve Bunderson

Carl Houghton

Meu último ano da escola secundária estava começando, e eu me sentia cheio de esperanças. Tudo parecia indicar um grande ano pela frente.

Pela primeira vez, estava realmente interessado em minhas aulas, e pretendia tirar as melhores notas de minha vida. Acabara de ser chamado como presidente de minha classe de seminário, e também como primeiro assistente do quorum de sacerdotes. Além disso, tinha um novo interesse — a fotografia. Também estava fazendo um trabalho de integração com um bom colega de trabalho. Até o tempo parecia glorioso e refrescante.

Mas, talvez a coisa mais importante que aconteceu no início daquele ano escolar fora minha decisão de ler as escrituras durante meia hora, todos os dias.

Decidi ler o Novo Testamento, e imediatamente me tornei muito apegado a ele. Todos os dias, após as aulas, eu guardava meus livros escolares, sentava-me à escrivaninha do meu quarto e abria as escrituras. Ler todos os dias sobre a vida de Cristo me deu um empurrão espiritual. Mas, depois de uma semana, começou o problema.

Naquela tarde, abri a Bíblia em Mateus e comecei a ler. Mas algo havia mudado. Não me sentia inspirado, não conseguia captar o que lia. Passava as passagens por alto não conseguindo envolver-me. Parei de ler e tirei os olhos das páginas do livro.

"Espere um momento", pensei. "O que estou fazendo de errado?" De repente, veio-me à mente um pequeno episódio de meu longo dia na escola.

Estava conversando com alguns amigos que não eram da Igreja sobre tudo o que nos vinha à cabeça. Logo começaram a surgir em nosso pensamento histórias e piadas impróprias. E eu tomara parte naquilo. Dera risada e até acrescentara alguns comentários impróprios.

A vida de Cristo não afetara meus atos, não

OU FAZENDO RRADO?

naquele ponto. Debruçando-me sobre as escrituras, focalizei novamente a página e vi estas palavras, encontradas em Mateus:

"Mas eu vos digo que de toda a palavra ociosa que os homens disserem, hão de dar conta no dia do juízo.

Porque por tuas palavras serás justificado e por tuas palavras serás condenado." (Mateus 12:36-37.)

Eu jamais recebera uma revelação através das escrituras ou sentira com tanta força a preocupação do Pai Celestial. Sabia que o Espírito guiara-me a essas palavras naquele momento. A resposta à minha pergunta: "O que estou fazendo de errado?" era simples. Estivera lendo as escrituras, marcando-as, e até gostando delas; mas não as estava vivendo. De certa forma, era um pouco semelhante aos fariseus hipócritas que o Salvador tantas vezes reprovara. Deixei de lado minha Bíblia e ofereci uma oração de arrependimento.

Embora minha resposta não tivesse vindo acompanhada de uma voz poderosa ou de um violento terremoto, seu poder foi suficientemente grande para levar-me a uma reavaliação de mim mesmo. Ao continuar os estudos, naquele ano, toda vez que surgia um novo ponto da vida de Jesus, em minha leitura, eu fazia uma avaliação de meu comportamento naquela área. Embora houvesse algumas áreas em que não tinha problemas, em muitas outras precisei modificar minha personalidade, minhas atitudes e ações. Fazendo isso, comecei a gostar mais de mim mesmo.

Esses novos padrões foram acompanhados de bênçãos. Era incrível observar como aquela meia hora de cada dia parecia encompridá-lo tanto. Desde que comecei a ler as escrituras e a procurar viver segundo o exemplo do Cristo, observei que diferentes setores de minha vida começaram a florescer.

Consegui realizar muitas metas que traçara para mim mesmo e, para minha surpresa, tirei as melhores notas do mundo! □

FELICI
VEZES

Melvin Leavitt

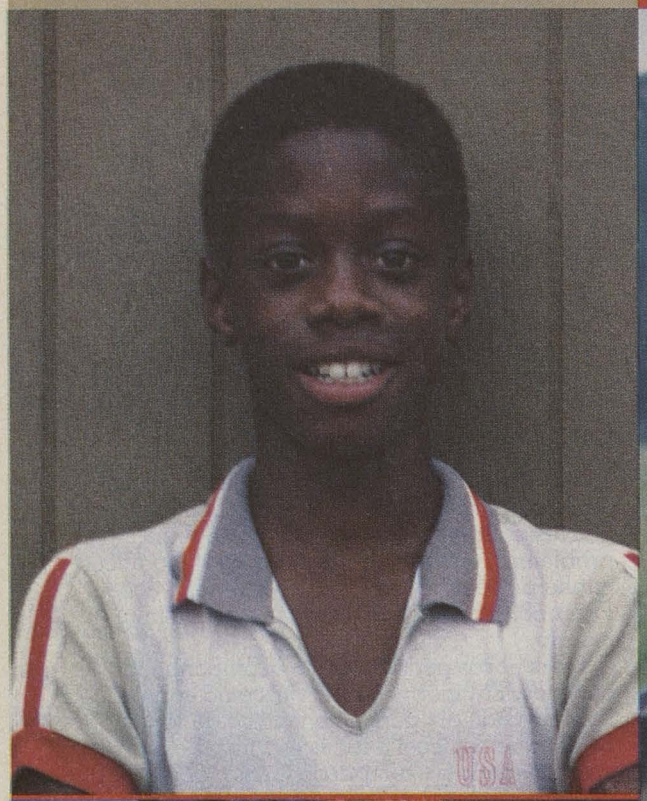
Gêmeos idênticos: duas pessoas com aparência exatamente igual. E Len Harris, de Plaquemine, Lousiana, USA, e seu irmão Lou, são gêmeos idênticos. Contudo, são completamente diferentes.

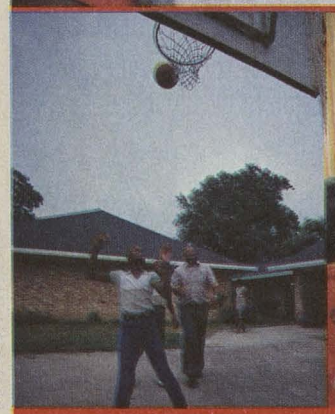
Len deseja ser médico. Lou quer ser advogado.

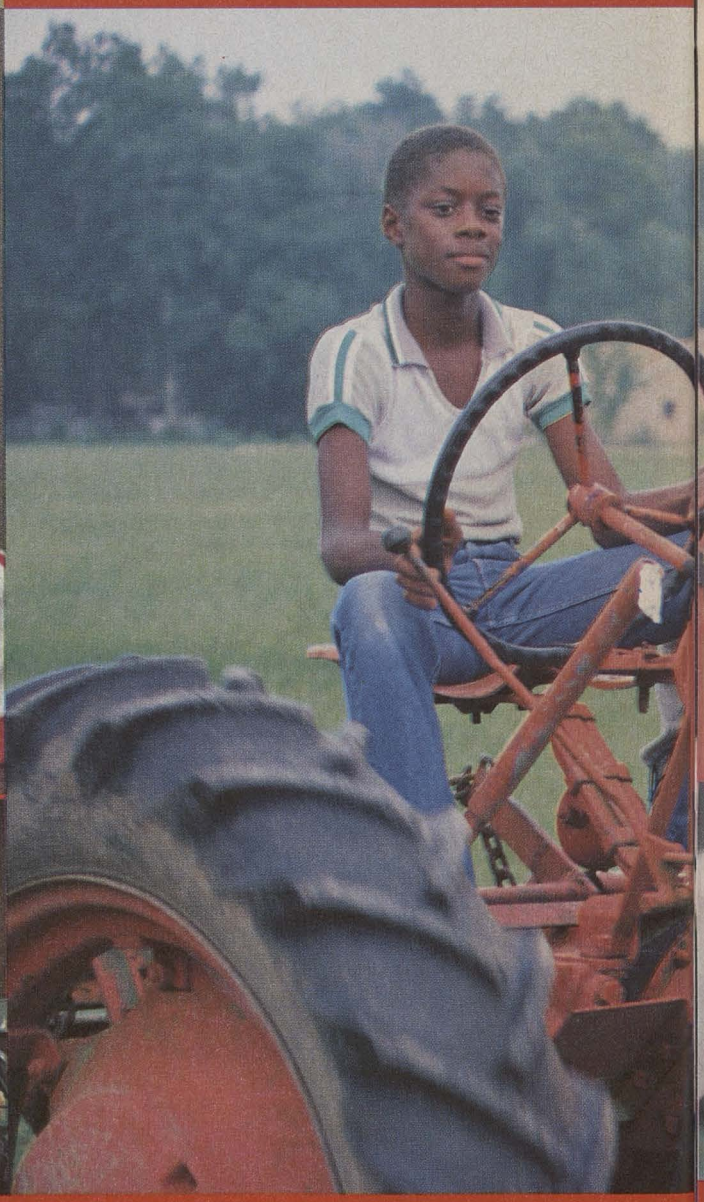
Len gosta muito de fazer experiências químicas.

Lou aprecia ler a enciclopédia nas horas vagas. Já terminou vários volumes.

Segundo a opinião de seus pais, Lou é pacato como a mãe, e Len cheio de energia, como o pai.



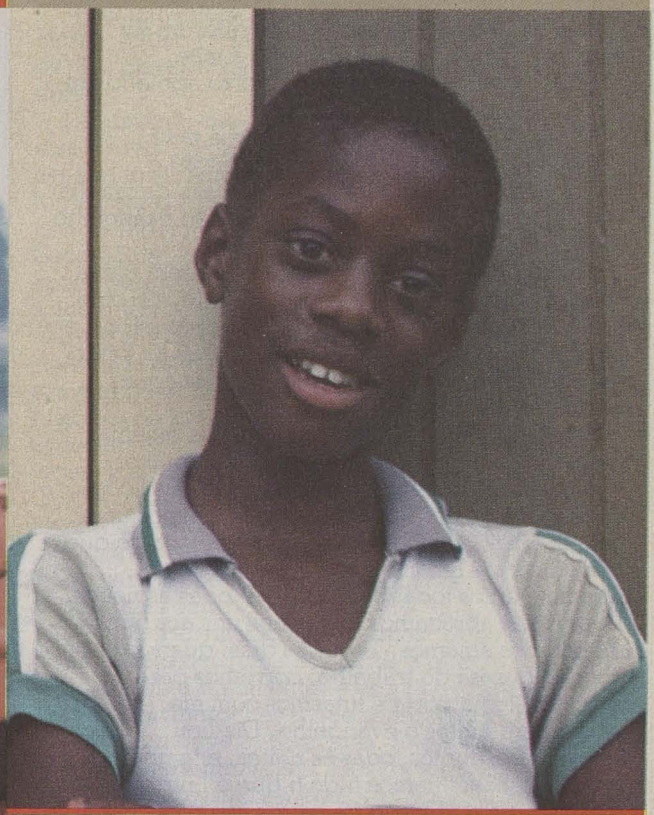


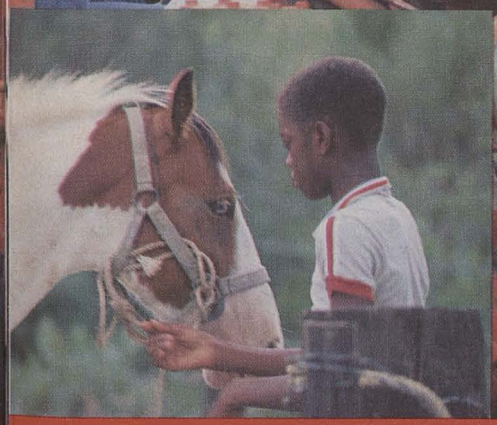


IDADE
S DOIS

Na verdade, Len e Lou são semelhantes em muitas coisas, também. Ambos gostam de andar a cavalo e dirigir o trator na pequena fazenda fora da cidade, onde a família vai construir uma casa nova. Os dois gostam de montar modelos de aviões, de pescar, jogar basquete e basebol. Além de excursões escoteiras.

E os dois gostam de ser diáconos. Gostam de distribuir o sacramento num antigo salão de boliche que serve de capela, entre o café e a delegacia de polícia. Gostam de aprender sobre o evangelho na Escola Dominical e nas reuniões do





Brian Wilcox

quorum de diáconos. E, acima de tudo, amam a mãe e o pai, as irmãs mais velhas e um ao outro.

Os dois aprenderam a honrar o sacerdócio de uma das melhores maneiras possíveis — observando o pai, presidente do quorum de élderes, honrar o seu — e vendo a mãe, presidente da Sociedade de Socorro apoiá-lo em seu chamado.

O pai é diretor de uma escola, e a mãe, professora de inglês. Assim, a instrução é importante na casa deles. Mas, na casa da família Harris, isto inclui também verdades do evangelho restaurado.

Plaquemine faz parte de uma paisagem plana de canaviais e névoa matinal. A casa dos Harris fica a apenas um quarteirão do Rio Mississippi, e a família freqüentemente faz caminhadas ao longo do rio, deixando que o movimento das águas acalme seu espírito.

É apenas uma das muitas coisas que fazem juntos. Há a noite familiar, durante a qual os meninos se revezam na apresentação das lições. Fazem oração de manhã e à noite. "Temos uma família feliz", afirma Len. "Tenho certeza de que meus pais me amam, e eu também os amo. Oramos juntos todas as manhãs e todas as noites. Depois nos abraçamos e dizemos uns aos outros o quanto nos amamos. Todos os dias, quando papai chega em casa do trabalho, corremos para encontrá-lo na porta e lutarmos com ele."

Estudam juntos o evangelho. Diz Lou: "Lemos as escrituras juntos todas as noites, e também sozinhos. Examinamos tudo o que o Livro de Mormon diz a respeito de certos assuntos. Papai pergunta: "Sobre o que desejam ler esta noite?" e nós respondemos: "Fé." Então lemos a respeito da fé."

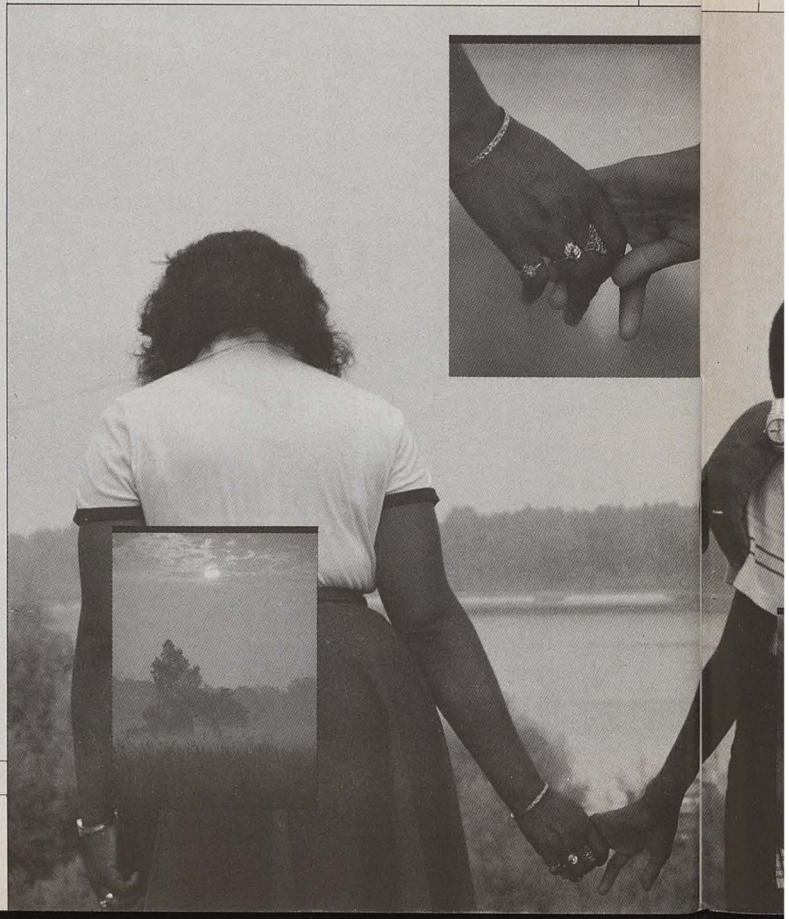
Embora a família Harris seja unida, ela não é perfeita. Existem divergências que precisam ser harmonizadas. Isto é feito em conselhos familiares, onde as queixas são apresentadas e resolvidas. O Irmão e Irmã Harris acreditam em ser justos e solidários, porém firmes.

E em tudo o que fazem existe amor, tanto expresso como demonstrado. "Gosto muito da minha família", diz Lou "e sei que eles também me amam. Muitas vezes me demonstraram isso. Papai provou-o quatro vezes, em particular. Foi nas quatro vezes em que caí na água, antes de saber nadar. Papai correu em meu socorro — de sapatos e tudo.

Ser selado no templo faz-me sentir como se eu tivesse um seguro do nosso amor. Se alguma coisa acontecer a qualquer de nós, ainda terei minha família."

A honra de portar o Sacerdócio Aarônico é levada muito a sério na casa da família Harris. Afinal de contas, quem lhes apresentou o evangelho foi um diácono de doze anos, que mora do outro lado da rua. "Muito antes de ter idade suficiente, eu já estava esperando receber o sacerdócio", diz Lou. "Era como fazer uma viagem sensacional — com contagem regressiva. Fiquei muito feliz. Meus pais sempre nos falam a respeito da importância do sacerdócio."

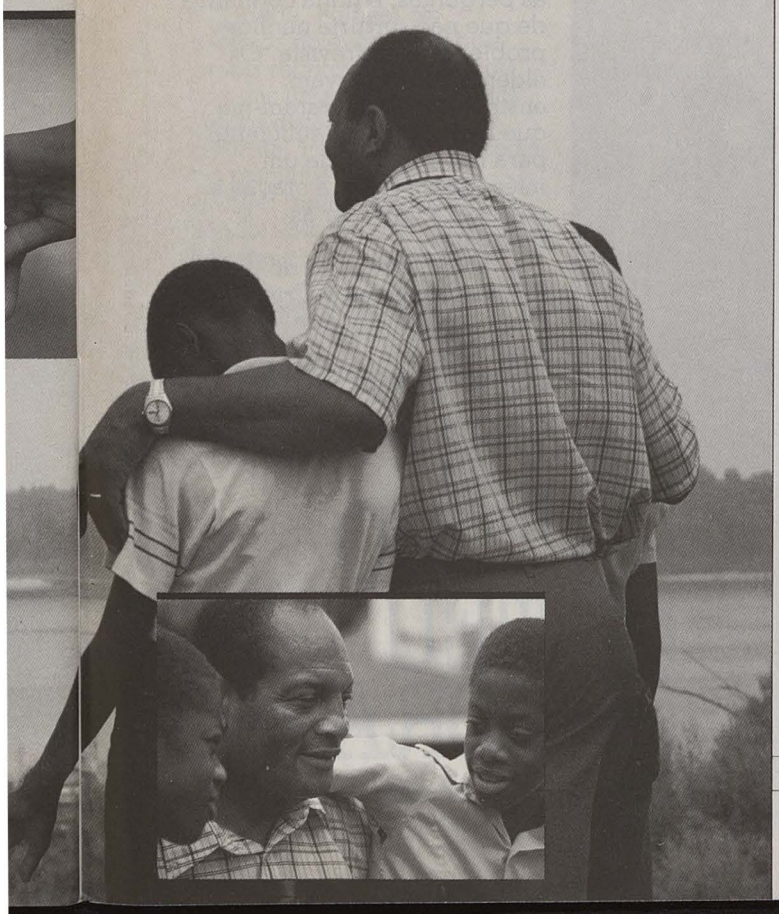
"E estamo-nos preparando para a missão", diz Len. "Estamos economizando dinheiro. Papai



deseja que estudemos uma outra língua. Aprendi um pouco de espanhol e francês."

Aprendendo a economizar para a missão e falando na Igreja, eles também estão aprendendo a servir. A Irmã Harris lembra-se do dia em que foi fazer sua visita de professora visitante à Irmã Adair, e lá encontrou Len e Lou. Estavam ajudando Irmã Adair a consertar seu cortador de grama. "É divertido poder ajudar", afirma Len. "Segunda-feira temos um projeto de serviço. Vamos cortar a grama do jardim de um casal idoso."

Desnecessário dizer que o Irmão e Irmã Harris têm seus gêmeos em alta conta. "Eles são meninos especiais", diz a mãe. "São meninos inteligentes. Estão no quadro de honra. Não pensamos que fôssemos ter meninos em nossa família. Venho de uma família de mulheres. E assim, quando eles nasceram, começamos a fazer tudo o que podíamos para que se tornassem homens justos, assim como suas irmãs se transformaram em mulheres justas."



"Eles me amam, e eu os amo" diz o Irmão Harris. "Amo-os mais do que a mim mesmo. Todos os dias procuro ser um homem melhor, por causa deles.

Lembrando-me da alegria que senti, ao receber o sacerdócio, e sabendo o que significa para mim, esperei ansiosamente o dia em que meus filhos se tornassem diáconos. Fiquei orgulhoso quando o presidente do ramo os declarou dignos de portar o Sacerdócio Aarônico. Desejo que progridam e aprendam tudo o que o Senhor deseja que eles saibam, para que possam abençoar muitas vidas. Certamente abençoam a nossa."

A tarde de domingo é o melhor período da semana para Len e Lou. É quando o pai lhes conta histórias de sua infância e juventude. Eles apreciam essas histórias mais do que filmes ou jogos, e até mais do que pescar um grande peixe. O Irmão Harris não manteve um diário quando jovem, mas essas histórias são uma espécie de diário vivo, e os meninos as conhecem de cor. Len e Lou sempre pedem só mais uma história, e depois mais outra.

O Irmão Harris não fala, apenas. Depois das histórias, ele pergunta aos filhos o que aprenderam ultimamente, e escuta o que eles têm a dizer. Pergunta-lhes o que sentiram e o que pensaram, e ouve as respostas. Eles falam sobre suas idéias e sentimentos. Fios de amor e conhecimento estão sendo entrelaçados, um a um, formando laços indestrutíveis.

Len e Lou são jovens afortunados. Têm poderosas forças guiando-os — a boa e verde terra da Louisiana, o grande Rio Mississippi, pais bondosos e justos, as bênçãos do sacerdócio, e um ao outro. As pessoas de fora talvez não sejam capazes de distingui-los, mas aqueles que os conhecem e amam, sim. E eles sabem que o Pai Celestial os conhece e os ama mais do que qualquer pessoa.

Mesmo gêmeos idênticos podem ter diferenças, mas estes dois estão unidos em amor, propósito e verdade do evangelho. É por isso que sua felicidade tem uma forte semelhança familiar. □

Steve Bunderson

DE TODO TEU CORAÇÃO

Mike Austin

"Agora vamos começar", disse eu, um pouco preocupado com a idéia de realizar minha primeira entrevista batismal. Não obstante, estava-me esforçando ao máximo para sentir-me confiante, a fim de que todos ficassem à vontade.

"Está bem, professor", respondeu a mulher cambodjana de meia idade, sentada à minha frente. Os élderes do meu distrito mantinham um bem sucedido curso de inglês, no qual ensinavam a língua aos refugiados do sudeste asiático que se haviam estabelecido no Vale de São Joaquim, na Califórnia. Através da escola, fizemos muitos contatos, e eles continuavam a chamar todos os missionários de "professor".

Durante os últimos dias, estivera estudando e treinando as perguntas, e tinha confiança de que não surgiria nenhum problema na entrevista. Os élderes que a estavam ensinando, asseguraram-me que falava inglês o suficiente para não precisar de um intérprete. Proferi a oração e comecei a formular as perguntas.

— Orou a respeito do Evangelho de Jesus Cristo, e recebeu uma resposta a suas orações?

Ela abriu-se num sorriso e

começou a rir. Balançando a cabeça para frente e para trás, disse: — Não sei, professor.

Lembrando-me de que o inglês é uma língua difícil, refiz a pergunta de maneira mais simples: — A sra. sabe que a Igreja é verdadeira?

Mais uma vez, olhou-me como se não entendesse nada do que eu dizia, começou a rir e repetiu: — Eu... eu não sei.

Fiquei intrigado. Fora informado de que ela expressara desejo de ser batizada e estava freqüentando o ramo da área onde se realizavam serviços em cambodjano. O que fazer? De forma alguma poderia permitir que fosse batizada sem uma entrevista, mas ela não estava entendendo nenhuma das perguntas, por mais simples que fosse.

Não sabendo o que fazer, peguei o álbum seriado que os élderes me haviam dado para o caso de surgir alguma dificuldade. Folheei os princípios do evangelho que estavam escritos em quatro ou cinco das línguas usadas pelos asiáticos instalados na Califórnia. Perto do que parecia ser a primeira palestra, encontrei uma gravura do Salvador. Mostrei-lhe a figura e perguntei: — Conhece Jesus Cristo?

Subitamente seu rosto iluminou-se, e ela começou a sacudir a cabeça com força. — Sim, professor, sim, sim. Eu *amo* Jesus Cristo, exclamou, obviamente reconhecendo a gravura que tinha diante de si.

Finalmente encontramos algo que ambos podíamos entender. Não tendo grande familiaridade com a língua inglesa, ela resumira todas as palavras e emoções que transmitiam uma mensagem positiva numa só palavra: *amor*. Através do mesmo processo, consegui verificar que ela amava Joseph Smith, o Presidente Benson, os Dez Mandamentos e a Lei do dízimo.

No momento de perguntar-lhe a respeito da Palavra de Sabedoria, consegui encontrar uma gravura contendo algumas garrafas de cerveja, maços de cigarro e xícaras de café. Quando lhe mostrei essas coisas que violavam as leis de Jesus Cristo, ela reagiu violentamente, sacudindo a cabeça e dizendo: — Não, professor, não.

Quando a entrevista terminou, ela havia respondido satisfatoriamente a todas as perguntas, geralmente apenas compartilhando comigo seu amor a uma determinada pessoa ou conceito. Naquela tarde, recebi um testemunho do Espírito mais forte do que jamais sentira, de que ela estava preparada em todos os sentidos para ser batizada. Cumprimentei-a e lhe disse que poderia ser batizada. Seu rosto iluminou-se novamente, e ela disse: — Obrigada, professor, eu amo você.

Quando fez essa afirmação, pensei na resposta que Jesus Cristo deu, quando lhe perguntaram qual era a maior de todas as leis: "Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu pensamento.

Este é o primeiro e grande mandamento.

E o segundo semelhante a este, é: "Amarás o teu próximo como a ti mesmo." (Mateus 22:37-39.)

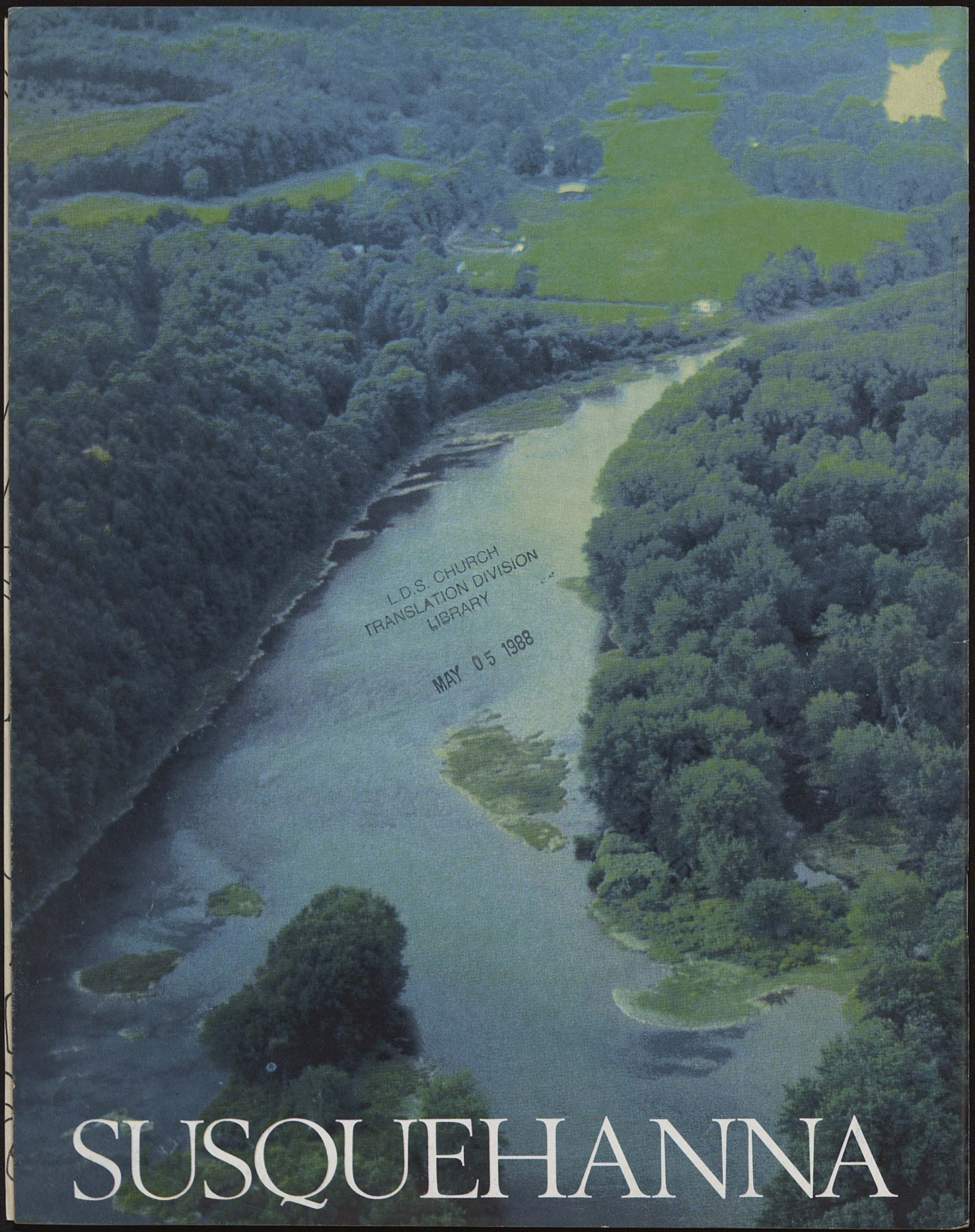
Embora essa mulher humildemente se dirigisse a mim como "professor", suas respostas durante a entrevista ensinaram-me uma lição maravilhosa. Ela aprendera a essência do evangelho: Amava Jesus Cristo incondicionalmente, e amava todos que a cercavam. Ninguém precisava convencê-la a guardar os mandamentos do Salvador; isso era natural para ela. Amava Jesus Cristo e não pensaria em, conscientemente, violar qualquer de suas leis.

Desde aquela entrevista, ouvi muitos testemunhos poderosos do evangelho. Ouvi pessoas contando fantásticas experiências espirituais, e o Espírito prestou testemunho sobre cada uma. Contudo, jamais um testemunho me tocou tão fundo como durante aquela entrevista num humilde apartamento, quando uma dona de casa refugiada me disse simplesmente: "Sim, professor, eu amo Jesus Cristo." □

L.D.S. CHURCH
TRANSLATION DIVISION
LIBRARY

MAY 05 1988

Steve Bunderson



L.D.S. CHURCH
TRANSLATION DIVISION
LIBRARY

MAY 05 1988

SUSQUEHANNA